Semanário provincial

JORNAL do ALGARVE

ANO I • SÁBADO, 16 DE NOVEMBRO DE 1957 • N.º 34

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ◆ EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA ◆ DELEGAÇÃO EM LISBOA — TELEFONE 31839 ◆ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEFONE 254 ◆ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL — V. R. S. ANTÓNIO

O TERCEIRO ACAMPAMENTO ZONAL DO SUL DE CAMPISMO realiza-se em Monte Gordo?

por JOÃO TRIGUEIROS

CAEM as primeiras chuvas, em Setembro. Por via de regra o campista algarvio sacode a água do capote, olha o céu, desconfiado, espirra e resolve suspender as andanças ao ar livre...

Quando Outubro assoma, já o material está arrumadinho, para a hibernação.

«Agora, até ao ano!» — exclama, afagando o saco de dorso que, escovado e sem nódoas, envolto em papel de embrulho, fica dependurado na arrecadação.

Penso que, em maioria absoluta, os campistas algarvios são muito ingratos com a mãe Natura, generosa, pródiga em belezas e finezas climatéricas.

Quantos e quantos *fins de semana* decorridos com tempo esplêndido no Outono, no Inverno e na Primavera; oportunidades desperdiçadas pelos que preferem «bivacar» nos botequins da moda ou estagiar nos cinemas, marcando a habitual presença quanto a *matinées* elegantes...

Tudo o que acima se lê é reprodução de um monólogo proferido hoje, no campo, onde esbocei estas mal alinhavadas regras.

Que rico domingo outonal! Que linda, além, a serra! Que ar tão fino penetra nestes velhos pulmões, ansiosos!

Sinto-me feliz e grato ao campismo.

Penso. Recordo. Lembro-me da recente grande actividade em que tomei parte. Foi no mês passado, em Cascais. Realizou-se o II Acampamento Zonal do Sul, sob o patrocínio do subsecretário de Estado da Educação Nacional, do director geral dos Desportos, do governador civil de Lisboa, do presidente da

Conclui na 6.ª página

GIL EANNES, O NAVEGADOR, era natural de Lagos

«... fazemos um apelo aos investigadores algarvios: De onde era GIL EANNES? De Lagos ou de Olhão? É um ponto que nos parece obscuro e que convinha esclarecer». (JORNAL do ALGARVE - 5 Outubro 1957)

TERIA grande prazer se tivesse lido neste jornal resposta a este apelo dada por qualquer outro investigador algarvio e muito principalmente se ele fosse de Olhão. O caso não está obscuro e eu tentei esclarecê-lo há muitos anos já. Fi-lo porém num jornal de pouca expansão e por isso permita-se-me que reproduza parte do que então escrevi. Foi no *Jornal de Lagos* de 3 de Janeiro de 1935, em resposta a um artigo inserto no *Correio do Sul* de 23 de Dezembro de 1934, de pessoa que eu não conhecia e que depois me deu o prazer de o poder contar entre os meus bons Amigos. Foi o dr. José Fernandes Mascarenhas, olhanense da gema, pessoa da minha muita consideração. Disse eu, então:

«O articulista fundamenta um ponto histórico desta importância em José Agostinho de Macedo, conhecido poeta do Século XVIII, que deixando uma produção literária enorme... nunca foi um historiador, pelo menos que me conste.

E para apreciarmos os seus conhecimentos históricos e geográficos não precisamos ir mais além de uma ligeira análise do trecho em que se fundamenta o articulista: *«... até que um marinheiro, natural de Olhão, se atreveu a atravessar o Bojador, engolfando-se tanto no mar para evitar a corrente das águas, que houve vista do cabo das Palmas até chegar defronte da Serra Leoa».*

Que barbaridades! Basta olhar para um mapa de África e verificar onde fica o Bojador, a Serra Leoa e o cabo Las Palmas, que só foi alcançado por outro lacobrigense, Soeiro da Costa, trinta e cinco anos mais tarde, para nos compenetrarmos do crédito que possa merecer o único trecho em que o articulista se funda para chamar para Olhão a naturalidade de Gil Eannes.

As próprias frases citadas tanto

Conclui na 4.ª página

UMAS PALAVRAS DE SAUDADE

PASSA amanhã o 14.º aniversário da morte de Duarte Pacheco e lembra e muito bem o nosso prezado colega «A Voz de Loulé» que os louletanos deixem no seu monumento algumas flores como preito de homenagem ao que foi um grande ministro e como manifestação de saudade de um povo ao filho dilecto que a morte arrebatou na flor da vida, anulando uma existência e lesionando quase mortalmente um programa de realizações que só o dinamismo e o génio de um homem da envergadura do saudoso algarvio poderia arquitectar.

A morte de Duarte Pacheco constituiu uma perda para a Nação. Não era um vulgar servidor da grei, nem se serviu em proveito próprio, do alto posto a que os seus méritos o elevaram. O seu desejo — desejo que degenerava em pertinácia — era servir bem o seu País, engrandecê-lo no âmbito do sector que lhe estava confiado

Vila Real de Santo António e o seu grande porto, tinham nele um amigo entusiasta, um defensor consciente e objectivo daquilo que é meritòriamente defensável. Se a Nação perdeu um dos seus maiores valores, o Algarve perdeu um filho ilustre e querido e a Vila Pombalina chorou o desaparecimento do seu grande amigo, que na hora derradeira, naquela madrugada fria de há catorze anos, teve nas proximidades do seu leito de morte alguém da nossa terra a desejar-lhe angustiosamente a vida.

Evocando um grande ministro, dedicando-lhe estas palavras de saudade e de gratidão, não queremos deixar de saudar um dos seus sucessores mais ilustres, igualmente devotado ao engrandecimento da nossa Pátria — o sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, por cuja saúde e longa vida fazemos votos, dispensando-nos de afirmar que são sinceros por nos parecer que incorreríamos em pleonasmo.

Visado pela delegação de Censura

PROBLEMAS ECONÓMICOS DO ALGARVE

A PESCA DA ALBACORA

por ARNALDO MARTINS DE BRITO

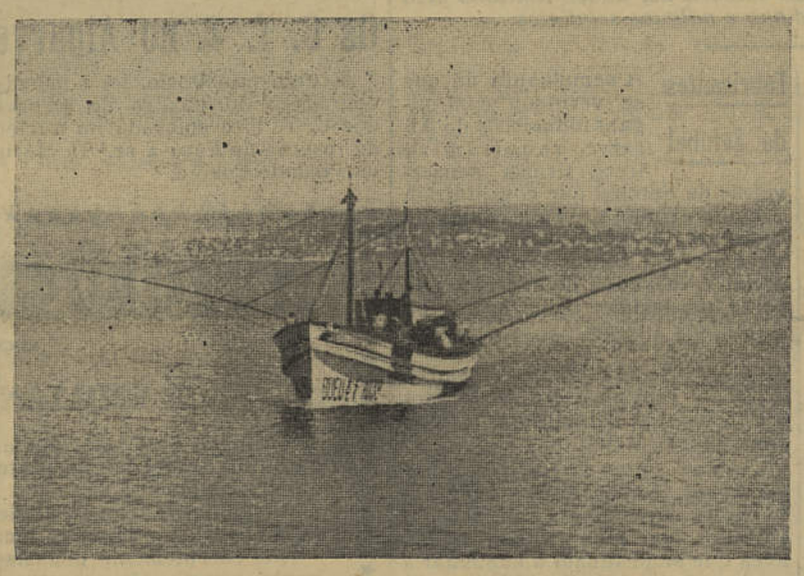
NUM dos precedentes números do *Jornal do Algarve* li um artigo muito interessante referente à pesca da albacora.

Fez-me reviver esse escrito uma época da minha actividade em Casablanca (Marrocos), quando gerente das Conserveries Algero-Marocaines, porque então se fabricava muito o bonito, peixe semelhante à albacora, ambos da família do atum. É, pois, também com algum conhecimento de causa que venho abordar este assunto, apoiando em absoluto o ilustre jornalista que, em boa hora, trouxe a lume um tão significativo e importante problema.

O bonito representava, nesse tempo, para os industriais marroquinos da pesca e da conserva, um negócio muito curioso e lucrativo, que permitia não só intervalar a sua produção com a do biqueirão e a da sardinha, como também servia para minorar os maus resultados financeiros, quer dos barcos, quer das fábricas, quando o ano de sardinha era fraco.

O bonito era pescado em Marrocos pelos próprios barcos que efectuavam a pesca da sardinha, embarcações a motor que fàcilmente se adaptavam à faina duma e doutra qualidade de peixe. Parece-me

Conclui na 4.ª página



Um boniteiro galego, das muitas dezenas que operam no norte de Espanha, saindo do porto de Vigo para a sua faina

UMA FIGUEIRA maravilhosa

Já nada nos surpreende porque vivemos num mundo cada vez mais confuso. Acaba de chegar-nos a notícia de que em Pollensa, ilha da Maiorca, há uma figueira, que, apesar do adiantado da época, apresenta os seus ramos carregados de figos. Em cada raminho contam-se entre 25 e 30 frutos e na sua totalidade a árvore tem mais de 1.500 figos. E' da espécie conhecida naquela ilha por «martinenca» e o curioso do caso é que a figueira não apresenta sequer uma folha. Percebem? Nem nós!

"ASAS" de Emiliano da Costa

Acaba de sair do prelo «Asas», livro de poesias de Emiliano da Costa. Os temas rimados, são, na quase totalidade, de inspiração algarvia, o que confere ao livro um mérito especial e concita à volta do novo trabalho do singular poeta o carinho da nossa gente. Limitamo-nos a anunciar o livro, ao qual, brevemente, faremos uma apreciação mais circunstanciada.

EXPOSIÇÕES DE DESENHOS INFANTIS

por JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

PARECE-NOS que os adultos estão agora mais interessados na criança; talvez que a insistência dos propagandistas da moderna educação tenha logrado obter algum resultado, ou simplesmente por que se convencionou ser moda dedicar atenção à criança. Esta última razão é a mais plausível, porque a atenção que à criança se dispensa quase nunca se reveste do valor pedagógico que seria para desejar.

Como resultado desta euforia têm-se sucedido — com maior ou menor felicidade e êxito —, com uma frequência que, apesar de tudo nos anima, as exposições de desenhos infantis. São úteis iniciativas que estimulam a criação arrística da criança e servem, do mesmo modo, para que o adulto mais se identifique com o pequeno ser que desponta para a vida. Num o traço significa mensagem e sonho, no outro uma forma de expressão que é necessário estudar para que a compreensão surja plena.

Assim, fica provado o valor duma exposição de desenhos infantis. O que falta saber é se uma exposição de desenhos infantis deve ou não sofrer selecção — que é sempre feita pelos adultos. Em nosso entender nenhum professor, artista

Conclui na 4.ª página

O eng. Manuel G. Guerreiro professor agregado do Instituto Superior de Agronomia

O NOSSO comprovinciano sr. eng. silvicultor Manuel Gomes Guerreiro concluiu com brilho as provas para a obtenção do título de professor agregado do 7.º grupo de disciplinas do Instituto Superior de Agronomia. Defendeu com brilho uma dissertação sobre «Castanheiro. Alguns estudos sobre a sua ecologia e o seu melhoramento genético», e foi aprovado por unanimidade.

Eng. silvicultor Manuel Gomes Guerreiro

O novo professor pertence ao quadro de estudos da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e foi discípulo do sr. prof. J. Vieira Natividade. Tem publicado vários trabalhos em revista e em livro, em especial focando problemas do melhoramento genético e da arborização de Portugal ao Sul do Tejo, e representou o País em várias reuniões internacionais e em missões de estudo no estrangeiro.

CORTEJO DE OFERENDAS em Faro

Deve realizar-se no dia 15 do próximo mês o cortejo de oferendas em benefício do Hospital da Misericórdia de Faro.

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA E DE FILATELIA ESCUTISTA

A rainha Isabel de Inglaterra na visita ao recente «Jamboree» de Sutton Park

ASSOCIANDO-SE às comemorações do Jubileu do Escutismo e do Centenário do nascimento de Baden Powell, seu fundador, que culminaram com o «Jamboree» realizado em Agosto em Sutton Park, Inglaterra, onde se reuniram cerca de 50.000 escuteiros de todo o mundo, organiza o Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal, de 1 a 8 de Dezembro, conforme noticiámos, nas salas da delegação do Clube Náutico de Portugal, uma Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escutista, que promete revestir-se do maior interesse. O regulamento do certame filatélico é o seguinte:

Art.º 1.º — Organizada pelo Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, da A. E. P., terá lugar de 1 a 8 de Dezembro, na delegação do C. N. P., a I Exposição Portuguesa de Filatelia Temática Escutista, integrada no «Dia do Selo» e patrocinada pelo Clube

Conclui na 6.ª página

A CÂMARA DE OLHÃO pediu providências contra os tapa-esteiros

OLHÃO — Na reunião da Câmara Municipal foi apreciado largamente o problema dos nefastos tapa-esteiros e os protestos que os mesmos têm suscitado à Imprensa diária e ao *Jornal do Algarve*, sendo resolvido, por proposta do sr. presidente da edilidade, oficiar ao sr. capitão do porto, a fim desta autoridade tomar as medidas necessárias a pôr termo à acção daninha de tais artes.

A saúde é a maior riqueza

PESO EXCESSIVO

Uma das principais causas do excesso de gordura no organismo é a alimentação desregrada, principalmente o abuso de doces, massas, farinhas, bolos e alimentos gordurosos. Além do aumento exagerado de peso, a gordura excessiva pode ter como consequência o diabetes e outras doenças da nutrição.

Corrija o excesso de gordura comendo moderadamente e reduzindo aos poucos a ingestão de doces, massas e alimentos gordurosos.

O JORNAL ALGARVIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Imagens de FARO

— por CASIMIRO DE BRITO

Dia de S. Martinho

Já não é como era, o dia de S. Martinho... Antigamente, o dia era lembrado por todos, era mesmo um dos dias grandes do ano. Agora, pelo menos nas vilas e nas cidades, só as crianças que têm fome se lembram deste dia tradicional.

No campo, ainda há uma ou outra casa que faz do dia de S. Martinho o antigo dia-dos-foliões. É o vinho novo que faz a sua aparição e, onde há um casco, barril, garrafão ou simples garrafa para abrir, logo aparece um grupo cantarolante e alegrote de amigalhaços e vizinhos que, numa lengalenga que vem do fundo dos tempos, diz de vinte e uma maneiras que, nesse dia, todas as garrafas e garrafões, cascos ou dornas, se devem abrir para que se prove o suave e melífluo néctar dos deuses. Nesse dia, Baco desce do seu Olimpo antiquado e transforma-se na alma de tantos e tantos homens e mulheres que, por esse mundo fora, concordam que a alegria também deve ter um lugarzinho ao sol.

Nestes Algarves o costume do prova-aqui e prova-ali ainda perdura, mas, lamentàvelmente, só nalguns lugares distantes onde os pobres não podem chegar, até porque a franqueza do *«isto hoje dá para todos»* já acabou há muito tempo.

Em qualquer dos casos de lá vieram essas mòdinhas que os moços agora cantam aí pelas ruas, e que são mais ou menos assim: *são Martinho-Papa, vamos ó larapa, são Martinho-vinho, vamos ó copinho*... numa repetição enfastiante, cansativa, lamentável... E o *«larapa»*, ao que me parece, são os míseros tostões que apuram no seu vasculhar portas e mais portas.

Mas lá no campo usam-se outras rimas, mais a propósito, como as conhecidas: *são Martinho-olho, vamos ao repolho* (quando se calcula que na casa a que se vai há repolho, no jantar), *são Martinho-quente, vamos à aguardente* (porque neste dia, também a aguardente nova faz a sua aparição, nas casas escassas que a produzem à moda antiga). Agora, porém, embora contrariando o espírito do dia, estes cantos soltam-se como uivos de lobos esfaimados. Já não têm aquela vivacidade antiga, a tradução da certeza de que depois de quatro ou cinco quadras dedicadas ao dono da casa, este apareceria com um garrafão, que, ou se bebia todo, acompanhado das respectivas castanhas assadas e batatas cozidas, ou se jogava fora, se houvesse a fraqueza de se deixar um restozinho para não dar-nas-vistas... Isso era, agora já não é. Os foliões do campo, agora, parecem janeireiros: vão encolhidos, com medo que o patrão solte o perdigueiro roaz, ou, depois de cantarem duas larachas mal-remendadas, pedem uma mão-cheia de figos, uma esmola... O dia de S. Martinho, de dia grande para todos, passou a dia de esmola para alguns pobres, que, ainda por cima, se consideram felizes porque, ao fim e ao cabo, arranjaram de comer para o outro dia...

...Esta mesma impressão tirei eu, ainda há bocado, do primeiro grupo de crianças que saíu à rua, com o seu S. Martinho. Uma espécie de andor, feito de caixotes de sabão amarelo, com o mais pequeno deles dentro, acocorado, e todo pintado com o «baton» da mana mais velha e um pedaço de carvão que tirou, à socapa, da fornalha apagada. Atrás desse caixote-andor, transidos de frio, meia dúzia de moços esfarrapados, a cantar, a cantar. Cantam como quem chora, e, no fim, ao ir para casa, entregam às mães os escassos tostões que couberam a cada um. Batem a todas as portas, *são martinho papa — vamos ao larapa, são martinho vinho — vamos ao copinho,* debaixo da chicotada tremenda de um friozinho cortante, que, afinal de contas, não corta tanto como a fome que os leva àquela excursão nocturna e anual.

São Martinho-pão, vamos ao tostão — eis a rima que deviam cantar, que deviam chorar, para corresponder mais àquela verdade que, de acesa que está, parece oculta, bem oculta...

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO
Telefone 475

CINE-CLUBE
de Vila Real de Santo António

O Cine-Clube de Vila Real de Santo António, efectua às 21,15 horas de sexta-feira, 22, no Cine-Foz, a sua 23.ª sessão, com o excelente filme de René Clement «Brincadeiras Proibidas».

NOTÍCIAS PESSOAIS

Juiz-conselheiro dr. Sousa Carvalho

Depois de ter passado as férias em Monte Gordo e nesta vila, retirou já para a sua casa de Lisboa o sr. juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, acompanhado de sua esposa.

Fim de curso

Concluíu a sua licenciatura em Ciências Matemáticas, na Universidade de Coimbra, a sr.ª dr.ª D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto, filha do nosso amigo sr. Raúl Rafael Pinto, gerente da filial de Loulé do Banco Nacional Ultramarino.

Partidas e Chegadas

Depois de uma curta estadia na Fóia, em serviço profissional, visitou, com sua esposa e filho, algumas localidades do Algarve e esteve em Vila Real de Santo António, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o nosso amigo e assinante sr. Manuel da Costa Figueiras, chefe da secção de cinema e noticiário da Rádio-Televisão Portuguesa.

= Vimos nesta vila o sr. Hugo Celorico Drago, nosso assinante em Lisboa.

= Retirou para a sua casa de Lisboa, depois de ter passado uma temporada em Vila Real de Santo António, a nossa assinante sr.ª D. Maria Luísa Centeno Baptista.

= Esteve alguns dias em Lisboa, de visita a sua família, o sr. António Martins, nosso assinante nesta vila.

= Encontra-se em Vila Real de Santo António, passando umas curtas férias, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria José Socorro Tenório, funcionária dos C. T. T. em Lisboa.

= Foi a Lisboa, com pouca demora, o nosso amigo e colaborador, sr. Álvaro Magno Guerreiro.

= Também se encontra em Lisboa, em férias, o nosso assinante sr. João Ilídio Setúbal.

= Esteve em Vila Real de Santo António o sr. Emílio Garcia Ramirez, nosso amigo e assinante em Matosinhos.

= Vimos nesta vila o sr. eng. Augusto da Silva Reis, nosso assinante em Faro.

= Esteve em Vila Real de Santo António o sr. A. Reis Almodôvar, nosso assinante em Olhão.

= Regressou a Lisboa o nosso assinante sr. António da Costa Mercês.

= Encontra-se nesta vila o sr. Teófilo Rita Néné nosso assinante em Lisboa.

= Seguiram para Matosinhos as sr.as D. Cremilde da Rosa Ferreira, D. Maria Vaz Afonso e D. Otília Madeira Feliciano.

= Acompanhado de sua esposa, esteve alguns dias em Sevilha o nosso assinante sr. João Leal Socorro.

= Encontra-se em Matosinhos, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. João do Brito.

Gente nova

Teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, em Lisboa, a sr.ª D. Rosália da Graça, esposa do sr. Orlando de Sousa Castelo Branco.

Casamentos

No Consulado de Portugal, em Tânger, realizou-se na quarta-feira o casamento civil, por procuração, da nossa conterrânea sr.ª D. Maria Bernardina Martins Pessanha, filha da sr.ª D. Raquel Martins Pessanha e do nosso assinante sr. António Álvares Pessanha, há muitos anos residente naquela cidade marroquina, com o sr. Domingos dos Santos Ferreira, natural de Olhão e actualmente em Leopoldville (Congo Belga). A cerimónia religiosa celebrar-se-á após a chegada da noiva a Leopoldville, onde os noivos fixarão residência. Ao novo casal, deseja o Jornal do Algarve *muitas felicidades.*

Doentes

Encontra-se quase restabelecido o sr. dr. Jaime Guerreiro Rua, director do nosso prezado colega «A Voz de Loulé», que sofreu uma intervenção cirúrgica.

Também tem sentido melhoras sua esposa, sr.ª D. Maria da Conceição Corpas Rocheta Rua, que fracturou um pé.

= Tem sentido melhoras o sr. Jerónimo Inácio Alfaiate, secretário da direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Faro, que sofreu há dias um acidente de viação.

= Em Alcochete, onde reside, esteve gravemente doente o nosso assinante sr. Francisco Rocha Tenório, que felizmente já tem experimentado algumas melhoras.

Desejamos, a todos, pronto restabelecimento.

Funcionalismo público

A Câmara Municipal de Portimão abriu concurso para o provimento do cargo de médico municipal do 2.º partido, com centro em Mexilhoeira Grande.

— BARDAHL —

ECONOMIA

OS ESTADOS UNIDOS DÃO UM GRANDE IMPULSO AO POVOAMENTO FLORESTAL

OS Estados Unidos intensificam o povoamento florestal para fazerem face à crescente procura de madeiras. Os agricultores de todas as regiões da Nação beneficiam da oportunidade de um útil desenvolvimento ao abrigo do «Soil Bank». Simultâneamente, baniram determinadas culturas em excesso relativamente às necessidades internas e de exportação.

O crescimento de árvores nos terrenos não necessários para semeadura serve mais do que o duplo fim de auxiliar a satisfação da necessidade de mais madeiras e substituir produtos agrícolas desnecessários. É útil na manutenção da fertilidade do solo — aumenta-a verdadeiramente — evitando muitas vezes a fuga demasiado rápida da água. A necessidade da sua conservação, só por si, tem-se tornado cada vez mais importante, nos últimos anos, em virtude das necessidades duma população crescente e duma Indústria em pleno desenvolvimento. A própria Agricultura se tem valorizado pela irrigação — como também por lhe serem dadas melhores plantas, orientação e técnica.

O povoamento florestal de grandes e pequenas áreas dos Estados Unidos atingiu um elevado nível em 1956 devendo ser o deste ano ainda superior. No ano passado foram povoados 370.000 novos hectares, mais 103.000 em relação a 1955. Esta subida foi perturbada pela produção relativamente insuficiente dos viveiros, embora pràticamente todos os 48 Estados tenham desenvolvido os seus viveiros. Este esforço, segundo a opinião das autoridades federais, será compensado com a possibilidade do povoamento de mais 404.700 hectares.

O próprio Governo Federal povoou 33.850 hectares e as suas agências auxiliaram os particulares na plantação e manutenção de 940 hectares de quebra-ventos. Os Estados e outros organismos públicos não federais povoaram um total de 25.280 hectares, 4.450 mais do que em 1955. Aos proprietários de terrenos particulares cabe uma parte importante no novo programa de povoamento com 300.180 hectares de florestas e 10.220 hectares de quebra-ventos totalizando, as novas plantações, 13 % em relação a 1955.

84 % de novo povoamento florestal foi feito em terrenos particulares, a maioria anteriormente destinada a culturas que seriam em excesso.

Os técnicos florestais salientam a necessidade de se continuar a plantação de quebra-ventos em muitas zonas do país afirmando que embora o total de plantação de árvores alcançasse um elevado valor em 1956 a plantação de quebra-ventos fora, na verdade, um pouco inferior à registada em 1955. A plantação de quebra-ventos em 34 Estados, alguns em zonas onde poderia ter contribuído para se evitar a erosão do solo provocada pelo vento e para a conservação do solo, foi correspondente a cerca de 11.240 hectares. Os Serviços Florestais do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e outros organismos de conservação salientam a necessidade da sua plantação.

No ano passado, os viveiros de árvores americanos produziram 885.968.000 novas árvores para povoamento — mais 143.690.000 em relação a 1955. Espera-se que, durante alguns anos, o valor do povoamento continuará aumentando embora um pouco limitado pela produção dos viveiros durante este ano e nalguns seguintes.

Um coelho fornece mais carne que uma vaca

Um casal de coelhos produz em seis meses 60 descendentes; num ano esta família atinge 200 cabeças; em dois anos, milhares; em três anos, milhões. O jornal «Paris-Presse» formulou esta pergunta: «Quem dá mais carne, a vaca ou o coelho?» Aparentemente a pergunta pode parecer estranha e até absurda. Um coelho dá dois ou três quilos de carne, o que não é muito; mas a descendência de um casal destes roedores representa 180 quilos de carne comestível, sem contar as peles. Ao contrário, a vaca não dá ao mundo senão um vitelo por ano. Mesmo que este nasça em Janeiro ou Fevereiro não poderá em Dezembro fornecer mais que 100 ou 120 quilos de carne, o que está muito longe de atingir os 180 quilos de carne de coelho.

A modernização da agricultura francesa Um dos objectivos da modernização da agricultura francesa é aumentar as exportações de produtos agrícolas. Em 1961, mediante o desenvolvimento deste plano, espera-se poder exportar 25 milhões de quintais métricos de trigo; 15/20 milhões de quintais métricos de cevada; 125.000 toneladas de carne de gado vacum e 27.000 milhões de francos de frutas e legumes. De acordo com o critério estabelecido neste plano, o Governo iniciou uma política de preços, reduzindo o preço do trigo e aumentando de quatro francos o preço do leite.

Compradores de rolhas Nos primeiros oito meses deste ano figuram na estatística como principais compradores de rolhas os seguintes países: Alemanha, 961 toneladas, no valor de 40.162 contos; Reino Unido, 639 e 38.737; Estados Unidos, 303 e 23.913; França, 301 e 17.698; Suíça, 203 e 12.095; Bélgica-Luxemburgo, 308 e 11.772; Holanda, 186 e 9.270; Rússia, 37 e 6.961; Itália, 469 e 6.934; Índia, 92 e 4.498; União Sul-Africana, 77 e 4.297; Canadá, 44 e 3.838; Perú, 76 e 3.559; Irlanda, 72 e 1.931; Nova Zelândia, 31 e 1.920; Colômbia, 36 e 1.708 e Sião, 38 e 1.597.

Pesca em Matosinhos Na segunda quinzena do mês passado venderam-se na lota de Matosinhos 459.827 cabazes, no valor de 24.024.911$00. Das 178 traineiras que ali se encontram as que maiores quantidades pescaram foram: «Eduardo Nuno», «António Pedro», «Bela Maria», «Eureca», «Senhor dos Milagres» e «Mar Celeste», respectivamente, com 7.121, 6.918, 6.238, 5.909, 5.766 e 5.612 cabazes.

Frutos secos Em Agosto exportaram-se 212 toneladas de alfarroba triturada, no valor de 284 contos; 8.948 quilos de amêndoa em casca, no valor de 57.588 escudos; 75.641 quilos de miolo de amêndoa, no valor de 2.031 contos e 1.000 quilos de figos secos, no valor de 3.915$00.

Fabricantes de Setúbal À semelhança do que se verificou com alguns industriais do Algarve, reuniram-se treze firmas conserveiras de Setúbal que constituíram a Unifa - União de Fabricantes de Conservas de Peixe, Lda. O capital é de 250 contos e o objectivo social é «a venda de conservas de peixe produzidas pelos sócios ou adquiridas a terceiros».

Diversas No «Madalena» embarcaram no nosso porto para o Funchal 750 golpelhas e 151 caixas de figos secos.

— Procedentes da Holanda e por via aérea, começaram a chegar a Espanha as primeiras remessas de patinhos da raça Kaki-Cambell, aves que se destinam a aumentar a exploração avícola do vizinho país. Este ano serão recebidos 3.000 patinhos.

— O preço do biqueirão, por quilo, em Agosto, nas lotas do Algarve, foi o seguinte: Vila Real de Santo António, 4$61; Lagos; 3$83; Portimão, 3$32 e Olhão, 2$90. No mesmo mês o preço da sardinha foi o seguinte, por quilo: Lagos, 5$02; Vila Real de Santo António, 5$00; Portimão, 4$25; Olhão, 3$61; Quarteira, 1$75 e Albufeira, 1$37. O preço do biqueirão em Vila Real de Santo António foi o mais elevado de todas as lotas do País.

— Nos olivais da região de Portalegre apareceu a mosca do Mediterrâneo.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia *Carmo*, Rua S. João de Brito, telefone 31.

Animatógrafo

A CARNE

Salvo possível engano,
desde há muitíssimo ano
que na vila
os açougues não feriavam.
Uma existência intranquila
os «carniceiros» levavam!

Determinação recente
deu descanso àquela gente:
às «segundas»
os talhos ficam fechados;
livram-se de barafundas
os talhantes empregados.

Lógica, certa, a medida
resultou, porém, «comprida»
num aspecto:
o da casa, e suas donas!
— Não é, talvez, muito recto,
«ferrar-lhes» novas «taponas»!...

O peixe, bastante caro,
com o frio... Tornou-se raro!
A canseira
inerente à culinária
transforma a segunda-feira
em mais uma «adversária»...

Quantas penas, quanto ralho,
tinham seu termo se o talho
trabalhasse
por turnos, como a farmácia!
— Se à «segunda» um não fechasse,
ainda haveria falácia?!...

OPERANTE

Cine-Foz

DOMINGO, a bela e musical produção mexicana, ***Bodas de Oiro,*** com Arturo de Cordova e Libertad Lamarque. (Para 17 anos).

TERÇA-FEIRA, o célebre filme de Alfred Hitchcock, ***Chamada para a morte,*** com Ray Milland, Grace Kelly e Robert Cummings. (Para 17 anos).

QUINTA-FEIRA, ***Juventude de uma Raínha,*** com a protagonista do filme «Sissi», Romy Schneider. (Para 12 anos).

Os C. T. T. no Algarve

A título transitório, foi nomeada operadora do quadro de reserva dos C. T. T. e colocada no núcleo de reserva de Faro a sr.ª D. Maria da Piedade Coelho.

LOTAS DO ALGARVE

Olhão

de 7 de a 13 de Novembro

TRAINEIRAS:

Oeste	16.858$00
Jomanel	13.253$00
Sr.ª da Piedade	11.210$00
Noroeste	3.255$00
Total	44.576$00

Armação de Pera

de 7 a 13 de Novembro

Valor da pesca neste período
Total . . . . . 13.222$00

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 8 a 14 de Novembro

ENTRADOS: Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Alemão «Mariaeck», de 1.294 ton., de Cádis, com carga em trânsito; Espanhol «Ria de Camariñas», de 2.026 ton., de Ceuta, vazio.

SAÍDOS: «Zé Manel», para Lisboa, com minério; »Mira Terra», para o Porto, com enxofre.

Crise da Indústria Corticeira

Da firma Manuel de Sousa, Sucessor de Sousa, Cabrita & C.ª Lda., de Silves, recebemos uma carta a felicitar o nosso distinto colaborador sr. João Fernandes pelo artigo sobre a crise da indústria corticeira.

«Os meus sinceros votos de felicitações — diz-se na missiva — por tão bela coordenação de verdades bem conhecidas daqueles industriais conscientes da situação em que sempre a indústria se tem mantido, ora mais crise, ora menos».

Manuel da Silva Domingues
Agente das Tintas
«EXCELSIOR»
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANTOLOGIA POÉTICA

coordenada por C. B.

3) EMILIANO DA COSTA

Emiliano da Costa, poeta algarvio, é dos valores de mais mérito da actual poesia portuguesa, apesar da incompreensão que tem rodeado a sua obra.

Poeta desde sempre, desde a sua Tavira de menino até agora, de cabelos já brancos, tem doze livros publicados.

Foi recentemente homenageado por um grupo de amigos, porém, a melhor homenagem que lhe pode ser feita é a da divulgação e compreensão da sua Poesia, essencialmente algarvista, quase popular, elevada grandemente na sua qualidade expressiva.

De Emiliano publica-se a I parte do poema «Eles, os Rústicos».

Sol. Domingo. Olha a moça casadeira
Com a sombrinha aberta perluxando:
—Ela, que leva os dias labutando
No campo, hoje detesta a soalheira!

— E ele, com o seu bouquet, *essa algibeira*
Onde está o lencinho esvoaçando,
O berloque da libra subornando,
E (sendo analfabeto) a lapiseira!...

Sombra e sol. Vai a rua em duas cores
Ardentíssimas, uma paralela
À outra, faxa azul, faxa amarela...

O sol e a sombra! Afogueando amores,
Apesar da caneta e dos flavores
Da libra, a sombra é ele, o sol é Ela!

À CONSTRUÇÃO CIVIL
CHAPAS DE
AGLOMERADO DE CORTIÇA
PARA ISOLAMENTO
DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR
IDEAIS PARA VARANDAS E TERRAÇOS
CANELAS & FIGUEIREDO, L.DA
Telefones 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA
FÁBRICAS EM LAGOS
CAFI

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O Helicóptero
TRANSPORTE DO FUTURO

DEPOIS do seu extraordinário desenvolvimento atingindo proporções fantásticas em tempo absolutamente inverosímil, a Aviação parece ter atingido o cume do progresso com a conquista duma nova dimensão — o vôo vertical. Para isso, contribuiu apenas o engenho de aspecto e proporções pré-históricas designado por helicóptero.

O movimento vertical foi dos primeiros sonhos do Homem, inspirado no vôo das aves e dos insectos. Desiludido com os resultados de uma série de tentativas audaciosas, o Homem passou a considerar o vôo como atributo dos deuses, blasfemando sempre contra os que tentassem alcançar as estrelas.

Isso, porem, não arrefeceu o entusiasmo dos sábios — o génio de Leonardo da Vinci havia de legar a «asa rotativa» de tão largas repercussões na conquista do espaço.

Dois séculos e meio depois da morte de Leonardo da Vinci, o inglês George Cayley idealizava uma ventoinha voadora, inspirada em anteriores trabalhos dos franceses Lannoy e Bienvenu que a Academia de Ciências de Paris recebera jubilosamente. Estava demonstrado que as pás de uma asa ou hélice, colocadas segundo um certo ângulo e quando postas em movimento, produziam o vôo!

Cayley deu ao Mundo os primeiros planos de um helicóptero capaz de transportar o Homem: a «carruagem aérea». A orientação por ele seguida foi continuada por muitos outros no decorrer de todo o século dezanove. A todos, no entanto, faltou um motor suficientemente leve e potente. E, no fim do último século, homens como Pontou d'Amecourt e Forlanini tentaram adaptar máquinas a vapor à aviação, embora sem sucesso.

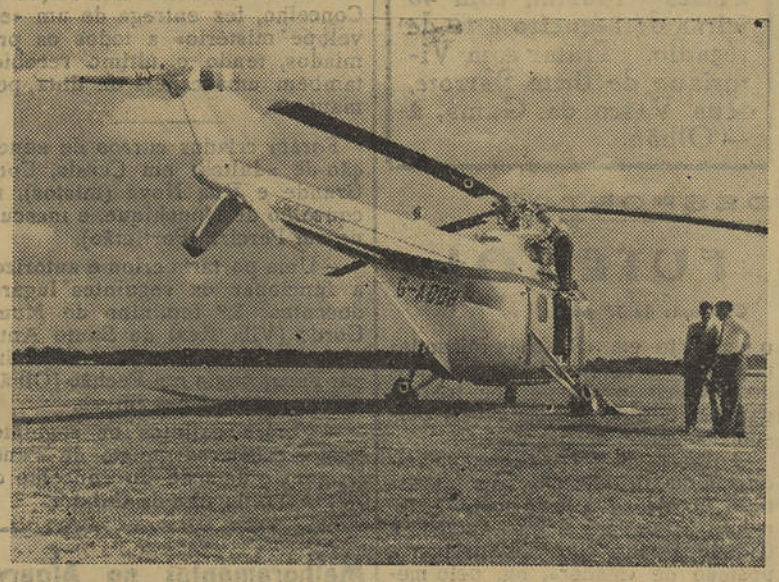
Outros, especialmente os irmãos Wright, estavam a trabalhar em aeroplanos de asas fixas, embora a asa móvel conservasse os seus defensores. Em 1903, o motor a gasolina tornava possível o primeiro vôo humano. Realizado, porém, com sucesso o primeiro vôo de um helicóptero com asas rotatórias, a história do vôo tornar-se-ia diferente.

Os primeiros trinta anos deste século foram consumidos com tentativas de construção de aparelhos que pudessem elevar-se verticalmente no ar. Assim, surge em 1907 o helicóptero de Breguet, capaz de levantar vôo com um piloto a bordo. O avião de asas rotativas era viável... Todavia, todos estes aparelhos primitivos eram instáveis e para garantia de segurança era necessário que o avião permanecesse ligado ao solo.

A estabilidade completa parecia difícil de conseguir. A rotação das pás forçava o corpo do aparelho a andar à roda em sentido contrário, dificuldade contrariada ou com a colocação de um pequeno rotor à retaguarda ou com a aplicação de dois jogos de motores principais, movendo-se em sentidos opostos. Juan de la Cierva, com o seu autògiro, resolvia o problema...

E em 1937 foi anunciado o primeiro helicóptero realmente eficiente — o Foch - Achgelis — que assombrou toda a gente quando Hanne Reitsch voou nele sobre o Estádio dos Desportos de Berlim. Por essa altura, outro pioneiro, Igor Sikorsky, que já trabalhava na invenção do helicóptero desde o princípio do século, alcançava amplo êxito na América. O engenho ganhava o aspecto e as características que tem hoje. Descolando e poisando verticalmente, pairando no ar, podendo fazer uma circunferência completa à volta do mesmo lugar, o helicóptero alcançava aperfeiçoamentos que ultrapassavam já o vôo das aves.

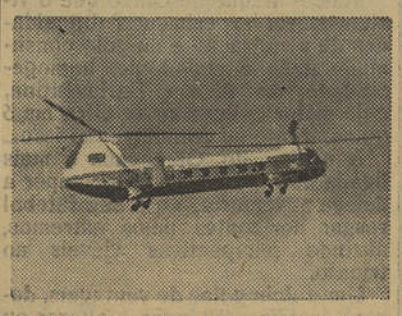
Mais recentemente a evolução tem sido enorme! Um após outro, em frenética cadência, foram aparecendo o «British Bristol 171» do tipo monomotor, transportando três passageiros além do piloto: o «Air Horse» (cavalo do ar) que com os seus três rotores pode deslocar oito toneladas; o «Skeeter» de certa elegância e com dois lugares; e o «Gyrodyne» da «Fairley Company» que à velocidade de cerca de 200 quilómetros conquistou um «record» que ainda se mantém.



Um dos helicópteros da Frota Aérea da Shell

Os franceses constroem os primeiros helicópteros a propulsão por jacto, que na América alcançaram largo desenvolvimento. Os modelos «Sikorski», «Piesechi» e outros, que cruzam já o espaço em todos os sentidos, deixaram de parecer engenhos arrancados às paginas de Júlio Verne ou H. G. Welles e constituem uma das realidades dos nossos dias...

As possibilidades oferecidas pelo helicóptero, nos campos civil e comercial, são patenteadas pelos serviços experimentais realizados em Inglaterra, durante os anos de 1946-1950, por uma das secções da «British European Airways». Nestas experiências, a regularidade média dos vôos nas várias linhas, efectuadas de dia e de noite e com todos os tempos, atingiu um índice bastante elevado.



O Bristol 193, equipado com dois motores, tem lugar para treze passageiros

A sociedade belga «Sabena» iniciou na Europa um serviço de passageiros, com helicópteros S. 55, tendo transportado durante os três primeiros meses da sua actividade de cêrca de 4.000 viajantes. Apenas com três aparelhos daquele tipo, tendo 7 lugares pagos, a «Sabena» opera numa zona de cerca de 400 quilómetros de extensão. Com eixo em Bruxelas, os S. 55 voam sobre a França, a Alemanha e o Luxemburgo, tocando em centros de acentuada importância turística e comercial, desprovidos de aeroportos para aviões normais.

A sociedade americana «New York Airways» liga entre si os maiores aeroportos metropolitanos dos Estados Unidos, assegurando um serviço postal regular em Connecticut e Nova Jersey. Outro tanto sucede com a «Los Angeles Airways», importante empresa californiana, que há cerca de seis anos explora serviços regulares de helicópteros com uma média de cem paragens diárias.

Todas as companhias de navegação aérea, equipadas com aeronaves de tipo tradicional, estão hoje preocupadas com as pregressos rápidos e incessantes da técnica helicoptérica, tendo em estudo planos suplementares de expansão comercial a confiar ao novo processo de vôo... Completamente dissipadas as deficiências antigas, o «omnibus aéreo» tem ganho raízes na consciência do público, nos organismos oficiais e, em alguns países, até nas esferas governamentais.

Conclui na 4.ª página

AS GORDURAS e as doenças do coração

EMBORA os cientistas de muitos países afirmem que as gorduras geralmente usadas constituem uma das mais importantes causas das doenças cardíacas, os investigadores da Escola Médica da Universidade da Cidade do Cabo realizaram experiências pelas quais se verifica que apenas as gorduras de origem animal são prejudiciais para a saúde, ao passo que as gorduras vegetais e as de peixe são, pelo contrário, benéficas.

O centro clínico de investigação de assuntos de nutrição daquela Escola Médica fez um estudo do grau de frequência de doenças cardíacas entre os diversos grupos raciais da península do Cabo. Este estudo revelou que a maior frequência daquelas doenças era entre os brancos, menor entre os indivíduos de cor e rara entre os indígenas de raça Bantu.

A frequência tinha correspondência directa com o consumo de gorduras animais pelos diferentes grupos étnicos.

Uma das teorias muito espalhadas acerca das causas das doenças cardíacas consiste em que o excesso de gordura no coração tinha tendência a acumular-se nas paredes das artérias, obstruindo assim o fluxo do sangue.

Após ter completado o seu estudo entre os grupos raciais, o Centro de Investigações da Cidade do Cabo estudou a diferença entre os efeitos das gorduras animal e vegetal.

Utilizando voluntários — «cobaias» humanas — os investigadores verificaram que apenas a gordura animal aumentava a dosagem de gordura no sangue.

Seguiu-se, depois, uma descoberta sensacional: os óleos vegetais pareciam ter uma acção contrária sobre a lista de gorduras animais. Qnando uma das «cobaias» era alimentada a ovos cozidos ou escalfados, o teor de gordura no sangue subia, em virtude da gordura animal contida nos ovos. Mas quando o ovo era cozinhado em certos óleos vegetais, tal como o extraído do girasol, o teor de gordura no sangue tornava a baixar.

Por fim, registou-se uma segunda descoberta importante: o consumo de peixe era ainda mais eficaz para manter baixa a quantidade de gordura prejudicial no sangue.

O Algarve na colecção «Terras Portuguesas»

O NOSSO Algarve, a província de território melhor definido, de homogeneidade geográfica mais sensível, oferece tantos e tão variados atractivos que, ao dedicar-lhe o segundo folheto da sua primorosa colecção «Terras Portuguesas» — hoje na posse de milhares de automobilistas nacionais e estrangeiros —, a Shell assumiu a linha lógica que se impunha ao seu critério de escolha e de prioridade.

Nesse folheto, cujo texto é de Gustavo de Matos Sequeira, uma autoridade em tudo quanto diz respeito às coisas de Portugal, descreve-se em magistrais pinceladas, o carácter da região, o seu panorama, a paisagem e os habitantes, a História e os Monumentos, os usos e costumes. É um repositório, breve mas profundo, rico de sugestões que elucida todo aquele que visita o Algarve, apresentando-lhe tudo quanto deve ver e ajudando-o a melhor compreender o ambiente, o típico, o inédito, da região excepcional que está a percorrer.

Abundantemente ilustrado e de execução gráfica perfeita, o «Algarve», na colecção «Terras Portuguesas», constitui valiosa contribuição para melhor dar a conhecer a nossa província tanto a compatriotas como a estrangeiros.

SERVINDO A LAVOURA

DADA a extraordinária importância da Agricultura na vida económica e social da Nação, a Shell Portuguesa não podia ficar indiferente a uma iniciativa de tão largas repercussões como é o Movimento de Intensificação Agrária, lançado em tão boa hora pelo sr. subsecretário de Estado da Agricultura, prof. dr. Vitória Pires.

Aumentar os rendimentos unitários da nossa Agricultura e reduzir, paralelamente, os custos da produção, no mais curto espaço de tempo, são objectivos que os portugueses, a bem da lavoura e do País, devem ajudar a alcançar por todos os meios à sua disposição.

Consciente da sua posição no Mundo, a Shell está empenhada em contribuir, efectivamente, para a desejada melhoria do nível de vida dos povos. Ora, tanto na Europa como na América, de há muito que se procura, pela divulgação, interessar as populações num aproveitamento, mais racional e científico, das principais riquezas dos diversos países.

Assim, e como a Agricultura tem particular relevo em Portugal, a Shell Portuguesa edita, mensalmente, um Boletim Agrícola, com uma tiragem de 20.000 exemplares, o qual redunda numa forma prática de colaborar no Movimento de Intensificação Agrária. Distribuindo-o gratuitamente, a Shell Portuguesa fá-lo chegar, tanto quanto possível, à mão dos agricultores, divulgando por esse modo práticas e preceitos que a técnica moderna recomenda.

Nesta «Panorâmica», será sempre inserida uma crónica dedicada à Agricultura, pois que no conjunto nacional os lavradores têm, sem dúvida alguma, lugar de destaque.

CARTA A UM LAVRADOR

Caro amigo:

HÁ dias fui encontrar um teu colega muito aborrecido na sua propriedade, com um problema que nesta altura do ano apoquenta muita gente — o problema das águas. O caso não era para menos e foi o seguinte:

Pretendeu esse teu colega substituir o sistema de elevação de água, muito antiquado, que tinha num poço, por um mais moderno, mais cómodo e de maior rendimento, aproveitando a água de elevação não só para a rega da horta como também para abastecimento da moradia da quinta, situada mais distante e num nível mais elevado.

Tudo parecia funcionar satisfatòriamente no que respeita à água para a rega mas, na direcção da casa, ela não chegava a um quarto do caminho.

Procurei conhecer os pormenores da instalação para poder perceber as causas da ineficácia do sistema, o que, aliás, me pareceu bastante estranho.

Na realidade tudo se encontrava mal calculado e, por consequência, desequilibrado; a tubagem para a elevação da água até à habitação era muito estreita e cheia de cotovelos, o que conduzia a um aumento daquilo que em mecânica de líquidos se chama «perda de carga» e que na prática corresponde a uma diminuição de rendimento, isto é, menos água; a altura de aspiração era demasiada, porque tinha sido aproveitada ao máximo; o diâmetro do tubo de aspiração não era bastante grande; a bomba não tinha capacidade suficiente e o motor era pouco rotativo. Uma única coisa apenas estava certa para o fim que se pretendia alcançar: era a potência do motor e por conseguinte o consumo de energia!... Tudo parecia ter sido feito por amador ou por pessoa insuficientemente esclarecida ou mal informada.

Este tipo de percalço pode custar muito caro e a economia das explorações agrícolas não os suporta por vezes muito bem... Um facto que é absolutamente certo é que não se pode ser carpinteiro, sapateiro, engenheiro, advogado, médico, etc., sem ter aprendido o bastante para exercer aquelas profissões, mas no entanto, e muito erradamente, quase toda a gente julga que pode ser-se agricultor sem ter estudado agricultura. Por isso, a profissão da agricultura é a que mais amadorismo suporta, mas é certamente também aquela em que se regista maior número de insucessos.

Caro lavrador, quando pretenderes substituir os velhos processos que usas de longa data na tua propriedade por outros mais modernos, que o progresso da técnica pôs à tua disposição para te aumentar o rendimento com menor canseira, não o faças de ânimo leve. Procura primeiro um bom conselheiro e se precisares de recorrer a uma organização comercial, escolhe uma que disponha de assistência técnica competente apoiada em larga experiência.

C.

(Transcrito do «Boletim Agrícola», publicação mensal da Shell Portuguesa)

O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES VISITOU A COLÓNIA DE FÉRIAS dos filhos do pessoal da Shell Portuguesa

O sr. ministro das Corporações visitou a Colónia de Férias dos filhos do pessoal da Shell Portuguesa, instalada em edifício especialmente construído na estrada Sintra-Almoçageme, sobranceiro à Praia Grande.

O sr. dr. Veiga de Macedo, que estava acompanhado pelo seu chefe de gabinete, dr. Francisco Caeiro, e pelo secretário dr. Queirós Nazaré, foi ali recebido pelos administradores daquela empresa, srs. dr. Bustorff Silva, F. H. Frangenhein, Eduardo Rodrigues e dr. Afonso Patrício de Gouveia, na companhia dos quais percorreu demoradamente as modernas e confortáveis instalações da Colónia, onde se encontra presentemente um turno de trinta e duas crianças, filhas de empregados e operários.

O sr. Ministro das Corporações, acompanhado pelos srs. dr. Bustorff Silva e Eduardo Rodrigues, conversa com um grupo de crianças

O sr. ministro das Corporações tomou conhecimento, com agrado, de que na Colónia de Féria da Shell Portuguesa não há apenas o desejo de melhorar a suúde das crianças que ali permanecem em turnos de três semanas cada um, mas também a preocupação de dar um elevado sentido educativo ao estágio. Procura-se desenvolver nas crianças as naturais faculdades de inteligência, de espírito criador e de solidariedade, através de jogos, pintura e desenhos, leituras apropriadas, trabalhos manuais e pela criação de um ambiente geral propício a esse desenvolvimento.

Para isso foi contratado para dirigir a Colónia pessoal competente: uma directora com o curso de assistente social, sr.ª D. Maria Antonieta Santa Clara Gomes, e monitoras especializadas, que dispõem de todo o apoio e material necessário à realização daqueles fins.

É interessante notar que as crianças publicam um pequeno jornal.

O sr. ministro das Corporações, que almoçou na Colónia, manifestou, ao retirar-se, a sua satisfação por tudo quanto viu, e felicitou os administradores da Shell Portuguesa pela sua útil iniciativa.

ANEDOTAS

História do «Far West» — Uma dama recebe uma certidão de idade e reclama: — Perdão, «sheriff», não sou a viúva Smith. Eis o meu marido. — Peço desculpa, minha senhora, responde o «sheriff».

E tirando o revólver, mata o sr. Smith imediatamente.

* * *

História de fantasmas — Três «gentlemen» jogam as cartas num castelo da Escócia. Abre-se a porta e entra um fantasma que começa a observar o jogo. Cinco minutos mais tarde, a porta abre-se novamente e entra outro fantasma. Então um dos jogadores, excitado, berra: «Quando acabam de abrir a porta? Parece que não há buraco na fechadura»!

* * *

História de louco — Numa praia, dois indivíduos travam conhecimento e um deles (que é louco) convida o outro para um passeio de barco e promete que o salva se houver novidade. O barco naufraga e o louco, em vez de cumprir a promessa, nada vigorosamente, para a praia. Quando põe pé em terra, exclama:

— Ah, salvo já eu estou! Agora deixa-me ir salvar o outro!

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

NECROLOGIA

Prof. Manuel Rodrigues Machado

Para o cemitério de Benfica, em Lisboa, realizou-se o funeral civil do prof. Manuel Rodrigues Machado, catedrático jubilado da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Lisboa. Contava 76 anos, era natural de Vila Real de Santo António, viúvo, pai dos srs. dr. Fernando da Assunção Machado e Aníbal da Assunção Machado, sogro das sr.as D. Joana Silva da Assunção Machado e D. Leonor da Piedade Jorge das Neves Ferreira de Carvalho Machado e avô do sr. Hélder Manuel da Silva Machado.

Prof. Manuel R. Machado

Era tio das sr.as D. Leonila Sá Sousa Coutinho, D. Celeste Carrilho Medeiros e D. Julieta Carrilho Medeiros e dos srs. Álvaro Magno Guerreiro, farmacêutico, e Victor Machado Sá, funcionário da Caixa Geral de Depósitos.

Convidado, ainda aluno, para assistente da Escola Superior de Farmácia, doutorou-se tempo depois e foi um dos mestres mais competentes e mais estimado dos seus colegas e alunos, recebendo de todos homenagens. Dirigiu o Colégio Lisbonense durante trinta anos e era proprietário das farmácias Machado e Duarte Ferreira, em Lisboa e director técnico dos Laboratórios Leseque. Evidenciou-se na defesa da classe farmacêutica na antiga Sociedade Farmacêutica Lusitana e desempenhou o cargo de secretário do Congresso Farmacêutico Luso-Espanhol.

Democrata convicto, foi propagandista do ideal republicano nos últimos anos do regime monárquico e tinha relações de amizade com os grandes vultos da República. Nunca se filiou em qualquer partido e não exerceu outro cargo que não fosse o do magistério. Colaborou em jornais e revistas da especialidade.

Também faleceram:

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — o sr. José Gomes Ramires, de 59 anos, marítimo, casado com a sr.ª D. Teresa da Costa, pai das sr.as D. Clarisse, Susana e Francisca e dos srs. Manuel e Albino da Costa Ramires e sogro dos srs. Joaquim Caleiro e João Gonçalves Bandeira.

— a sr.ª D. Adelaide de Sousa, de 79 anos, viúva, mãe das sr.as D. Maria e Antónia da Silva Nóia e sogra do sr. Gavino Rodrigues.

— o sr. João Augusto Pereira, pedreiro municipal, de 71 anos, combatente da Grande Guerra.

Em OLHÃO — o sr. João Filipe de Brito, de 78 anos, casado com a sr.ª D. Anacleta Rosa Leiria e pai dos srs. Ezequiel Gomes de Brito, António José Pedro de Brito e Filipe da Cruz Brito.

— o menino Joaquim Cândido Emídio, de 10 anos, natural daquela vila.

Em FARO — o sr. Francisco Pedro de Lima Júnior, de 61 anos, natural de Vila Real de S. António, despachante oficial da Alfândega. Era pai da sr.ª D. Maria Helena Lima Tabosa Dias e dos srs. Armando Xavier de Lima, também despachante da Alfândega, e George Xavier de Lima, funcionário da E. V. A. e irmão do sr. José Pedro de Lima e cunhado do sr. Francisco Rosado Vitória.

Em LOULÉ — no sítio de Pero-Porto, freguesia de Ameixial, o sr. Manuel José, que serviu como soldado sob as ordens de Mousinho de Albuquerque, tendo-se distinguido especialmente nas batalhas contra o Gungunhana.

Em LISBOA — a sr.ª D. Sebastiana Vitória Rola, de 80 anos, natural de Loulé e residente em S. João do Estoril.

— o menino João José dos Santos, natural de Olhão.

— o sr. António dos Santos Machado, de 44 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Laurência do Carmo Machado e pai da sr.ª D. Maria Paula Santos Machado Ramalho, casada com o sr. Eduardo Pardinha dos Santos Ramalho.

— a sr.ª D. Matilde de Jesus Soares, de 34 anos, natural de Olhão, casada com o sr. Manuel Cavaco Custódio e mãe da menina Maria Luísa Soares Custódio.

Às famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve* sentidos pêsames.

EXPOSIÇÕES de desenhos infantis

Conclusão da 1.ª página

ou qualquer outra semelhante autoridade, tem capacidade suficiente para seleccionar desenhos infantís, ou qualquer obra de arte, seja ela produzida por uma criança ou por um adulto. A manifestação artística é sempre o corolário de um momento emotivo que se vive: jamais alguém pode julgar com consciência esse momento; por esta mesma razão não pode ser atribuído a qualquer obra de arte um valor monetário exacto. A actual atribuição de valores assenta mais na fama — justificada ou não — do artista do que no estado emotivo sob o qual a obra foi concebida e executada. No caso da criança, não deixa de ser verdadeira a emotividade criadora. Nela a fantasia não é mais do que uma maneira sua de expressão e com ela se parecem muito os abstractos e surrealistas.

Mais do que a questão pura da arte, há que considerar a perfeita formação da criança e todas as reacções que nela possam ter efeito nefasto. Uma selecção implica sempre a exclusão de algumas das obras que vão ser expostas. Não importa voltar ao assunto de ser justa ou injusta essa exclusão; o que importa principalmente é que o brio do pequeno artista foi atingido, quando viu excluída a sua obra. E' preciso que tenhamos presente que, boa ou má, será sempre a sua obra.

A criança vendo-se preterida poderá ser atingida por um complexo de inferioridade ou por uma atitude de despeito e de inveja, coisas que se repudiam numa perfeita educação.

E' errado, por conseguinte, o processo de seleccionar os trabalhos artísticos que se pretendem expor. Será muito preferível limitar o número de trabalhos a admitir de cada expositor e deixar que ele próprio faça a selecção dos seus trabalhos.

Ganharão maior valor pedagógico e educativo as exposições orientadas por este critério, o qual seguramente impedirá que seja condenada logo à nascença a intenção artística da criança, dando ao mesmo tempo ensejo a que o pequeno artista mostre, através da insatisfação representada pela sua obra e pela selecção que dela fez, tudo quanto na realidade é capaz de produzir.

Pugnemos para que se intensifiquem cada vez mais exposições que ajudem a despertar o sentido artístico da criança e facilitem, simultâneamente, uma melhor compreensão dos adultos pela sua natureza, mas não esqueçamos nunca de as estabelecer em bases pedagógicas seguras, com insofismável proveito para a criança.

José dos Santos Marques

O MUNICÍPIO de Vila Real de Santo António aprovou a alienação de terrenos destinados a importantes obras

EM sessão extraordinária, realizada na terça-feira, o Conselho Municipal de Vila Real de Santo António aprovou, por unanimidade, a alienação, à Federação das Caixas de Previdência, de duas parcelas de terreno, sendo uma de 1.200 m2, situada na estrada do Farol, em frente da fábrica Aliança, destinada à construção de dois agrupamentos de 2.º andar de casas de renda económica, constituíndo um total de doze habitações, e outra, de 2.400 m2, ao sul da rua Jacinto José de Andrade, para a construção de casas para operários.

Foi igualmente deliberado alienar a particulares, três parcelas de terreno, sitas no lado sul da vila, uma das quais, de 3.250 m2, para a construção de um edifício destinado a colégio e as outras para casas de habitação; e a um particular, uma parcela de terreno, na praia de Monte Gordo, destinada a casa de habitação.

A edilidade pombalina é credora dos maiores louvores por ter conseguido levar a bom termo as suas negociações com a Federação das Caixas de Previdência. Espera-se agora que aquele organismo dê início à imediata construção das casas projectadas, o que contribuirá para atenuar a premente crise habitacional da nossa vila, que continua a lutar com grande falta de moradias para a sua crescente população.

DE LAGOS

Cerimónias comemorativas do aniversário do Armistício

LAGOS — Na segunda-feira, pelas 11 horas, foi comemorada, nesta cidade, a data da assinatura do Armistício da 1.ª Grande Guerra.

Uma força do Batalhão de Caçadores 4, aqui aquartelado, com a respectiea fanfarra, desfilou pelas ruas da cidade e formou junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, na praça Luís de Camões, onde prestou as devidas honras.

Foram depostos ramos de flores no mesmo monumento pelos srs. major Luís Palety, 2.º Comandante do referido Batalhão, Joaquim Lima Cascada, vice-presidente, em exercício, da Câmara Municipal, e Capitão Francisco da Silva Rijo, como representante da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

No mesmo monumento foi estabelecida uma guarda de honra constituída por soldados do Batalhão.

Seguidamente, a força militar dirigiu-se, em romagem, ao cemitério da cidade onde prestou honras junto dos túmulos dos militares que combateram na guerra de 1914-1918, após o que regressou ao quartel.

Propaganda inadequada!... — Na terça-feira, no Cinema Império desta cidade,foi apresentado, como complemento, o documentário «Actualidades Portuguesas», da «SPAC», que incluíu a Praia da Rocha. Do mesmo fazem parte diversos aspectos da Costa d'Oiro, de Lagos, o que muito surpreendeu o público espectador, que se manifestou ruidosamente contra a exibição das belezas naturais da costa de Lagos, por sinal as melhores apresentadas no filme, como fazendo parte da Praia da Rocha.

Não é a primeira vez que na propaganda daquela praia aparecem como seus, os melhores aspectos da Costa d'Oiro, considerados como os mais belos de todo o litoral.

Já é tempo de pôr cobro a tanta inconveniência tendente a desprestigiar o que de melhor existe no nosso Algarve. — *C.*

Problemas Económicos do Algarve

A PESCA DA ALBACORA

Conclusão da 1.ª página

que o mesmo pode suceder com os barcos algarvios.

Qualquer fábrica marroquina de conservas de peixe trabalhava sem dificuldade o bonito; o seu apetrechamento era simples e pouco dispendioso: mochos de madeira e cutelos para corte do peixe, celhas de madeira para receber as postas cortadas, «bassines» com os correspondentes tabuleiros para cozedura, grades de verga para estender as postas depois de cozidas, e tudo o mais necessário. Era exactamente o que se utilizava na fabricação da sardinha.

Por experiência própria, conheço, e muito bem, as dores de cabeça e as preocupações que causa aos comerciantes e aos industriais algarvios a falta de peixe, sempre a desejarem a época da sardinha para poderem melhorar as suas vendas e suavizar os seus compromissos.

Os pescadores e os industriais de conservas de sardinha em Marrocos, precisamente para poderem defender-se melhor das contrariedades naturais que a pesca da sardinha lhes proporcionava, por depender muito do factor sorte, produziam, além da sardinha, o biqueirão, a cavála, o bonito, e algumas fábricas de conservas criaram ainda a indústria de legumes, principalmente ervilha.

Desta forma os anos decorriam com maior tranquilidade e confiança, as despesas gerais, mão-de-obra, etc., ficavam mais protegidas e o trabalho constante reduzia, naturalmente, o custo da fabricação.

Se as empresas algarvias ponderassem um pouco no apelo feito pelo *Jornal do Algarve,* encontrariam imediata solução do problema, realizando idêntica indústria na sua província. Talvez estejam a perder uma grande oportunidade de desenvolvimento dum negócio que daria não só incremento às suas actividades actuais, como também proporcionaria natural melhoria de condições de vida às gentes das terras piscatórias. E o nosso País registaria igualmente mais um triunfo económico.

Tenho a impressão de que se trata, simplesmente, duma questão de iniciativa, porque o sucesso está absolutamente assegurado.

Mãos à obra, senhores industriais da pesca e da conserva do Algarve! Desenvolvam e defendam ainda melhor as vossas épocas de trabalho, criando a indústria da albacora, que todos sabem ser peixe muito abundante na costa algarvia. Não desperdicem uma matéria prima ao vosso alcance, muito rica e muito apreciada em todo o mundo consumidor.

Arnaldo Martins de Brito

GIL EANNES, o navegador, era natural de Lagos

Conclusão da 1.ª página

de Azurara como de João de Barros não podem deixar dúvidas sobre a sua convicção. Eles afirmam: «*Gil Eannes, natural de Lagos*» «*Gil Eannes, seu creado natural da Vila de Lagos*». Mas porque ambos quando se referem de novo a Gil Eannes dizem: «*cavaleiro morador em Lagos*», conclui o articulista: «sempre a mesma dúvida, sempre a mesma incerteza». Qual a dúvida? Então porque era morador não era natural? Ambos afirmam o mesmo: «natural e morador em Lagos». Não era necessário repeti-lo cada vez que lhe escrevessem o nome.

Azurara que viveu na intimidade do Infante D. Henrique, pela convivência que tinha com os que rodeavam o Infante, tem toda a autoridade, e não faria tal afirmação se não tivesse a certeza. João de Barros repete sem hesitar a mesma afirmativa. E assim foi julgado por todos os historiadores que conheço e se seguiram aos dois citados: Duarte Nunes de Leão, na sua «Cronica e Vida de El-Rei D. Duarte», diz: «Gil Eannes, escudeiro do Infante, natural de Lagos». Francisco Duarte de Almeida Araújo, na sua «História de Portugal», pag. 604: «Gil Eannes que era natural de Lagos»; e outros mais que seria enfadonho citar. De todas as histórias que tenho lido ainda não encontrei uma só que o dissesse natural de Olhão. E que o dissesse? Basta-nos o testemunho de Azurara porque além de ser historiador verdadeiro e consciencioso, foi coevo de Gil Eannes e portanto com mais conhecimento de causa do que qualquer outro podia fazer tal afirmativa, que temos de respeitar até prova em contrário. Por isso podemos afirmar ser nossa convicção que Gil Eannes, esse célebre navegador que deu origem a uma das mais brilhantes páginas da História de Portugal, dobrando em 1434 o temível Cabo Bojador, era de Lagos, o que é para Lagos um grande título de Glória, com que muito nos honramos».

Suprimindo alguns períodos mais, para não tornar maçudo este pequeno artigo, eis o que escrevi. E hoje, passados 23 anos, nada li que fizesse mudar a minha opinião, pelo que mantenho integralmente essa convicção até prova em contrário.

Lagos, 4 Novembro 1957.

José Formosinho

Arrenda-se

PROPRIEDADE rústica, bem arborizada, em Piares — Marim, com 40 jeiras de sequeiro e 10 de regadio. Tratar com Vitoriano de Brito Barrote, Rua Vasco da Gama, 2 — Olhão.

DESPORTOS

FUTEBOL

Conclusão da 3.ª página

o seu êxito em «Sanches Miranda» pode vir a misturá-los na frente, destroçando o elenco dos três algarvios, e tudo hão-de tentar pela supremacia da hora e meia.

O «Leões de Faro» nesta sua saída, em que terá de defender o prestígio do triângulo algarvio, certamente acautelará a sua viagem à Cidade Branca, para não arriscar a posição de «leader», ou, pelo menos, deixá-la por um fio...

A sua defesa, desde que seja reintegrada de Ventura, tem solidez para «amortecer» o ataque Juventudista, mas a sua avançada é que nos parece «frágil» para tão importante empreendimento.

O Juventude já mostrou ao Olhanense e ao Portimonense o que «quere», e isto deve constituir um sério aviso a Vierinha...

OLHANENSE (13 p.)-PORTIM. (14 p.)

Partida muito equilibrada com motivos de futebol bem delineados, tanto dum lado como de outro, depois de desfeita a «crise» nervosa.

Mais o ataque de Olhão que o visitante, vai experimentar dificuldades de penetração e de golo consumado, dada a mais lógica homogeneidade da defesa Barlaventina, cuja maior concessão se cifra em 3 golos, frente ao Atlético — só isso...

A equipa do Olhanense é mais ligada no ataque e poderá romper a defesa adversária, se o seu futebol rasgar horizontes pelos extremos, abrindo perspectivas viáveis ao triunfo.

Um a dois golos de vantagem, deverá decidir o 2.º lugar e alterar ou manter o «sub-leader» da prova — uma vez mais.

E, neste caso, vamos por Olhão — é o clima «casa» que dita este pensamento.

António A. Santos

O Ensino no Algarve

Director da Escola Técnica de Loulé

Foi nomeado director da Escola Industrial e Comercial de Loulé o sr. dr. Fernando Hermínio Periquito Laborinho, que desempenhava as funções de professor da Escola Serpa Pinto, de Faro. A posse foi-lhe conferida no gabinete do presidente da Câmara daquele concelho pelo sr. dr. Fernando José Pamplona, inspector do Ensino Técnico Profissional, tendo discursado os srs. dr. Pamplona, presidente do Município e o empossado.

ALUNOS PREMIADOS

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, num louvável intuito, instituíu prémios para os alunos de instrução primária mais classificados. Com referência ao ano lectivo findo, distinguiram-se os alunos da 3.ª classe, Maria do Carmo Reis do Nascimento, filha da sr.ª D. Pulquéria dos Reis e do sr. José do Nascimento, e João Manuel Ruivinho Custódio, filho da sr.ª D. Julieta Roque Ruivinho e do sr. António Custódio; e da 4.ª classe, Glória Hermínia Costa, filha da sr.ª D. Hermínia Bárbara e do sr. António Costa, já falecido, e Artur dos Anjos Grego Horta, filho da sr.ª D. Maria José Sá Grego Horta e do sr. Artur Aleixo Horta.

O presidente do Município, sr. Matias Barroso Gomes Sanches, em sessão realizada nos Paços do Concelho, fez entrega de um «envelope mistério» a todos os premiados, tendo o último recebido também uma caneta de tinta permanente.

Foram criados cursos de educação de adultos: em Casais, Corte Grande e Rua Nova (mistos), no concelho de Monchique, e masculino em Pereira (Portimão).

— Uma portaria criou e autorizou a funcionar os seguintes lugares docentes: 3.º feminino de Monte Gordo (Vila Real de Santo António); 13.º feminino e 14.º masculino em Faro; misto em Pechão (Olhão) e 6.º masculino em Silves.

— Foram extintos os seguintes postos escolares: misto de Tunes (Algoz), o da sede do concelho de Olhão e o da ilha da Culatra.

Melhoramentos no Algarve

Na Junta Autónoma das Estradas realizou-se o concurso para adjudicação da empreitada da construção da ponte da ribeira sobre o Almargem, na estrada de Vila Real de Santo António a Tavira. Foi apresentada uma única proposta na importância de 1.479.200$00.

— O sr. ministro das Obras Públicas, através do Fundo de Desemprego, concedeu o reforço de 70 contos à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António para Saneamento, 3.ª fase, da rede de colectores das zonas I e II.

O Helicóptero

TRANSPORTE DO FUTURO

Conclusão da 3.ª página

Quanto a Portugal e ligando entre si as nossas principais cidades — Lisboa com o Porto, com Faro, com Viseu, com Bragança, etc.— em serviço de passageiros e de correio, o helicóptero seria de incalculáveis benefícios. O mesmo poderia acontecer em relação às Províncias Ultramarinas.

O helicóptero será entre nós, como tem sido em todos os países, a solução ideal para o vasto número de problemas que só a faculdade do vôo vertical pode resolver.

Pára-raios

Não comprem sem consultar os meus preços, que são sem competência

Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.

Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para vistoriar os mesmos, depois de instalados

Dirigir a

HELIODORO VALENTE

Telefone 21 OURIQUE

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CASA FUNDADA EM 1834

JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM

MANILA - SISAL - CAIRO

LINHO - ALGODÃO

MALHETAS - FIOS PARA REDES

FIO DE CEIFEIRA - ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA TELEFONE 023034

BARREIRO

Confiem nos óleos da *CANFIELD*

70 anos de experiência são a melhor garantia da excelência dos seus produtos

DISTRIBUIDORES:

SOCIEDADE COMERCIAL REMUS, L.DA

Rua do Comércio, 8 — LISBOA

AGENTES NO ALGARVE:

FARO — Augusto Sousa Teixeira

LAGOS — Escritório Técnico e Comercial do Sul

PORTIMÃO — António João Júnior & Irmão, Lda.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Viúva de José Joaquim Capa & Filhos

Wm. Penn MOTOR OIL

À venda em todo o País

CAPITALISTAS!!!

Desejam empregar o v/ capital absolutamente seguro? Consultem «A CONFIDENTE», que imediatamente lhes indicará a maneira mais prática e segura da s/ colocação, pois nos seus «dossiers» possui vários prédios para venda, tanto em Lisboa como nos arredores, a darem alguns deles o rendimento de 8 %. «A CONFIDENTE» encarrega-se gratuitamente de aluguéis e completa administração das propriedades adquiridas sòmente por seu intermédio. O seu QUARTO DE SÉCULO de existência é a melhor prova da sua competência, nas dezenas de transacções que realiza por mês.

A CONFIDENTE

(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA — Rossio, 3-2.º (Ang. da R. Augusta) — Telefs. 21391-30257-367765-367767

PORTO — R. Passos Manuel, 14-1.º (Ang. da R. Sá da Bandeira) — Telefs. 28721-27011-31309-31729

ACTUALIDADES *** DESPORTIVAS

• FUTEBOL •

Campeonato Nacional da II Divisão

O «Algarve Futebol Clube» continua,

a despeito da «décima jornada» ter sido um «décimo» apenas com o «mesmo dinheiro»

Farense, 4 — Montemor, 1

Marcadores, Remígio, Queimado (2) e Andrade

A despeito de alguns orgãos da grande imprensa terem entoado o «cântico dos cânticos» sobre a exibição do «Leões de Faro», o Farense esteve longe de nos convencer. Maneiras de ver, talvez, com mais pessimismo da nossa parte.

E' facto que o Farense luta com certos aspectos de adversidade que lhe não tem permitido dar ao grupo mais sólida estrutura, mas, dentro do modesto dos seus inegáveis recursos e do grupo «fácil» que lhe competiu, algo mais era de exigir.

Salvaram-se, no reduzido inventário de valores: Vierinha, (sempre esforçado no destroçar do jogo), Queimado, em excelente tarde como há tempos já não o víamos, e o madeirense Andrade (ex-Marítimo), que confirmou, amplamente, os adjectivos de que vinha precedido na linguagem da gente adepta do Farense.

Talvez porque o «Montemor» jogou sem notas críticas e vestiu o habitual «figurino» dos farenses o «eclipse» tenha parecido maior...

Portimonense, 2 — Montijo, 0

Marcadores, Romão e Alexandrino

Os Barlaventinos foram outra equipa incerta no ataque, quedando-se pelo segundo golo, como já vem sendo clássico entre o seu público.

E' certo que o Portimonense «divorciou» o Montijo da miragem da 2.ª fase, mas podia muito bem ter traduzido o peso do seu jogo sobre os ribatejanos em golos compensadores da sua valiosa faina pró-«equipa algarvia».

Há que rever a «engrenagem» do ataque, onde falta algo de necessário a um melhor funcionamento, em face dum avançado-centro de inegáveis recursos e de duas «asas» propícias a mais largos «voos», capazes de levarem o «team» a mais e melhor.

Serpa, 3 — Olhanense, 2

Marcadores, Costa e Parra

Este foi o mais lamentável dos resultados da décima jornada. Pode a imprensa vir a lume dizer que as melhores credenciais de jogo foram olhanenses, que logo o negativo dos dígitos do marcador tudo destrói. A exibição, no fundo, é como o fumo que se esvai; o resultado é a cicatriz que fica para todo o sempre, ainda para além da história da prova.

Numa época em que o futebol se tem tornado mais de ganhar do que de vencer... o resultado de Serpa visto no «laboratório» das consciências tranquílas, pela via das análises calmas, tem em si «vírus» que urge combater, pelas incertezas de futuro, traduzidas, até agora, frente a grupos de friso mediano.

Tapadinha e Montijo afirmam o grupo «rubro-negro»; Montemor e agora Serpa vêm negá-lo sem apelo. Qualquer coisa que passa para além das contingências do futebol...

Parra, Poeira e Costa, foram tudo — os três únicos nomes de citar.

Jogos para amanhã

JUVENTUDE (12 p.)-FARENSE (16 p.)

O Farense tem perigosíssima viagem à remota Liberalitas-Júlia. Os Juventudistas pensam, de certo, que

Conclui na 4.ª página

Campeonato Distrital de Juniores

Começa amanhã o despique dos mais jovens atletas nos campos de futebol do Algarve.

Para a primeira jornada, teremos:

Zona de Sotavento: Farense-Lusitano, Olhanense-Unidos.

Zona de Barlavento; Silves-Esperança de Lagos.

Campeonato Distrital de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão

«Match» nulo em S. Brás

O LUSITANO JÁ COMANDA A PROVA, ISOLADO...

Desportivo Samb., 0-Unidos Samb., 0

O «derby» local era aguardado com singular expectativa, atraindo ao parque de jogos uma multidão considerável de «doentes»...

A partida, porém, tècnicamente, não atingiu craveira especial, devido aos «nervos» que ambas as turmas evidenciaram através dos noventa minutos. A equipa do Desportivo apresentou-se com uma cortina defensiva de apreciável categoria. No Unidos a falta de dois titulares, no ataque, afectou sèriamente o seu rendimento global.

A arbitragem, a cargo do sr. Pinto Coelho, foi muito autoritária, restando-nos também uma fortíssima dúvida quanto à legalidade do magnífico «tento» de Jaruga, anulado a três minutos do fim. Mas como não era justo haver um vencedor, de harmonia com o desenrolar dos acontecimos, o juiz de campo seguiu, naturalmente, esse critério... — *C.*

Silves, 2 — Lusitano, 2

Nem sempre os números finais traduzem, com clareza, o desenrolar dos jogos. Neste Silves-Lusitano, disputado com consciência, em que a incerteza do resultado esteve em expectativa até soar o seu terminus, podia muito bem ter havido um vencedor...

O sr. Rosendo fez uma arbitragem bem criteriosa, mas deixou deslustrar o seu trabalho com a marcação da grande penalidade contra o Lusitano, a castigar uma falta que na realidade existiu, mas bem fora da área fatal

Louletano, 4 - B. E. Portimonense, 0

O Boa Esperança está condenado a ser o último da «poule». Os seus elementos pouco discutem os resultados, contentam-se com o que o destino lhes dá. Enfim, são bons de contentar...

O Louletano, que realizou partida agradável sobre o aspecto técnico, está a valorizar-se, em estrutura, de jogo para jogo.

Arbitragem sem reparos a considerar.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Lusitano . .	3	2	1	—	11-5	5
Louletano .	3	2	—	1	7-5	4
Desportivo .	3	1	1	1	7-4	3
Silves . . .	3	1	1	1	6-4	3
Unidos. . .	3	1	1	1	3-6	3
B. E. Portim.	3	—	—	3	3-13	0

Jogos para amanhã

UNIDOS SAMB.-LOULETANO

O Louletano, actual segundo na classificação, porá toda a sua «alma» na discussão do jogo, mas talvez inglòriamente, pois a balança pende mais para o lado do Unidos...

LUSITANO-DESPORTIVO SAMB.

O «moço» Desportivo, que tem andado a bater o pé, neste princípio de vida, virá ao campo «F. G. Socorro» apresentar credenciais e mostrar do que é capaz... Jogo vitorioso 100 % para o Lusitano, só interessando a maior ou menor margem de golos conseguidos...

SILVES-B. E. PORTIMONENSE

Para o Silves, a jornada apresenta-se de descanso... A equipa silvense não deve encontrar problemas de maior para impor aos visitantes mais um «zero pontos» para a sua classificação.

CAFÉ - RESTAURANTE

JANELAS VERDES

de LUÍS FÉLIX DA SILVA

Cerveja de barris

Mariscos - Vinhos Verdes

Serve almoços e jantares regionais

PREÇOS MÓDICOS

RUA DE AVEIRO, 37-39

Telef. 206 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O **Jornal do Algarve** vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

Baile no Glória F. C.

No salão de festas do Glória F. C., realiza-se no próximo domingo, para início da época, uma animada «soirée», abrilhantada pelo excelente conjunto «Estrela do Sul», sob a direcção de Manuel Móia.

Uma reaparição nos campos de futebol

"Esforçar-me-ei por defender condignamente AS REDES DO LUSITANO"

— *confessou-nos o popular Abraão*

DEPOIS do que se tem falado nas tertúlias futebolísticas do Algarve, pareceu-nos oportuno ouvir o valoroso guardião José Abraão, que durante tantos anos defendeu as cores do Sporting Clube Olhanense e presentemente representa o Lusitano de Vila Real. Todos os olhanenses lembram, com saudade, as tardes memoráveis oferecidas por tão bom elemento como o foi Abraão no seu clube. Até à data os rubro-negros não têm quem o substitua em condições favoráveis. Abade está ainda longe de se assemelhar a Abraão. Este, era um guarda-redes indispensável... aquele é um elemento em «rodagem», certamente uma futura realidade.

José Abraão fez já no passado domingo, contra o Silves, a sua estreia no Lusitano, e pode afirmar-se que jogou de maneira a merecer a confiança que os vilarrealenses depositaram na sua experiência de longos anos. Enfim, foi um êxito o seu primeiro jogo.

Após a necessária elucidação sobre o que pretendiamos, o nosso entrevistado, com a sua peculiar amabilidade, acedeu. Sentados num banco público, frente à sede do Olhanense, demos início à conversação:

— Como encarou a proposta apresentada para representar o seu mais directo adversário de outros tempos?

— Foi uma surpresa. Embora antigo rival, o Lusitano foi sempre um clube com que simpatizei. Alegrou-me o convite. Esforçar-me-ei por defendê-lo condignamente.

— Vê possibilidades na equipa?

— Tudo é de esperar da jovem equipa de Vila Real. Vontade, energia e disciplina, são factores principais para formar um bom conjunto e o Lusitano possui jogadores com essas qualidades.

— Sobre os seus treinos?

— A minha vida profissional não permite que participe em todos os treinos de conjunto, mas deverei fazer um por semana. Aqui, em Olhão, cuido da preparação física e pratico futebol individualmente. A experiência ajuda muito!...

— No encontro em Silves, actuou com confiança, ou ainda não se readaptou ao futebol?

— Tenho a impressão de que, contribuí, no possível, para a conquista da vitória. Não me senti fatigado. Apesar dos meus 38 anos, o físico sente-se quase juvenil e procuro levar vida regrada...

(Neste momento aproximou-se de nós, um amigo de Abraão e transmitiu-lhe que estavam a dizer, no «café», que o «velho» Grazina também tinha o desejo de ingressar no Lusitano, ao que este respondeu: — O Grazina está muito pesado. Ele que não pense nisso!)

Prosseguimos.

— Que nos diz do empate em Silves.

— O árbitro prejudicou o resultado com a marcação daquele «penalty» que não existiu. O Silves tem um ataque bom. No Lusitano gostei da linha média, constituída por Padesca e Daniel, e do defesa-direito Rogério.

José Abraão

— Prognósticos para o próximo encontro em Vila Real?

— Ignoro o valor do adversário, mas estou certo de que será nossa a vitória. Deus queira que nessa altura me encontre melhor do ombro direito, que magoei, em Silves.

— Queriamos aproveitar a oportunidade para ouvir a sua autorizada opinião sobre o comportamento do Olhanense na II Divisão.

— Devem entrar na segunda fase. É um conjunto de elementos com habilidade, que poderá ter pretensões à primeira divisão do nosso futebol. Para isso é imprescindível boa orientação, disciplina e um pouco de sorte — que não tem acompanhado o Olhanense.

Jornal do Algarve, deu assim por terminada a entrevista com José Abraão, augurando, tanto a este como ao Lusitano, os melhores êxitos.

O Lusitano Futebol Clube e sete dos seus jogadores

distinguidos pela Federação Portuguesa de Futebol pelo seu comportamento durante a época de 1956-57

A direcção da Federação Portuguesa de Futebol resolveu, atribuir «Placas de correcção» e «Medalhas de correcção» a 9 clubes e 69 jogadores, como consequência do seu irrepreensível comportamento no decorrer da época de 1956-57.

Entre os premiados, vimos, sem surpresa, o Lusitano F. C. e os seus sete atletas; Lopes, Daniel, Gonçalves, Parra, «Travassos», Ludgero e Pescada.

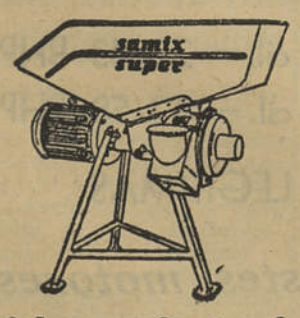
CASA DE MÓVEIS

Bem situada e bem afreguesada

TRESPASSA-SE

Trata antiga LIVRARIA CAPELA

OLHÃO



Moínho e Corta forragens

= numa só máquina =

que prepara comida para todos os animais

Distribuidores:

AGÊNCIA COMERCIAL, L.DA

ÉVORA — Rua da República, 93 — Telefone 23363

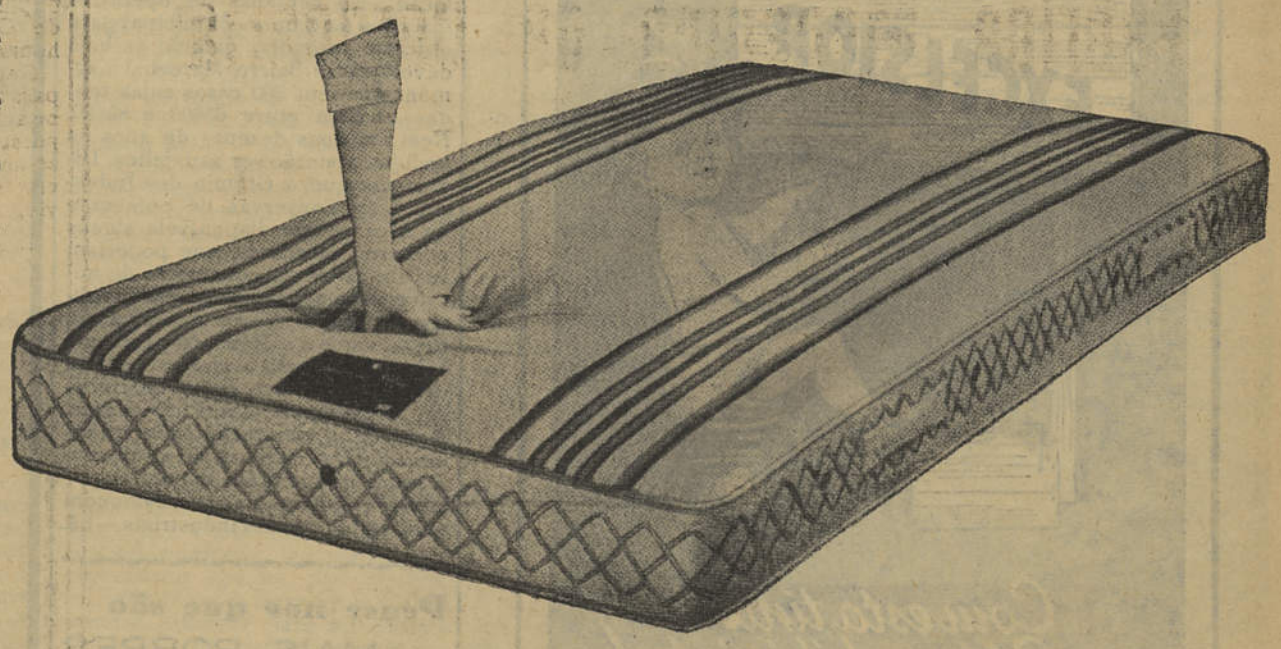
LISBOA — Rua da Boa Vista, 76-1.º — Telefone 34759

ESPUMAFLEX

Patente de invenção n.º 31.772

Marca registada n.º 82.772

O colchão de sonho que combina a elasticidade das molas com o tacto macio de espuma de borracha, superando o colchão só de borracha na firmeza de suspensão, ventilação eficaz da espuma de borracha e no impecável aspecto.



Um produto da MOLAFLEX

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

JORNAL do ALGARVE

O TERCEIRO ACAMPAMENTO ZONAL DO SUL DE CAMPISMO realiza-se em Monte Gordo?

Conclusão da 1.ª página

Câmara Municipal do concelho e da Federação Portuguesa de Campismo.

Na véspera, o tempo mostrou mau cariz, mas, apesar disso, reuniu-nos cerca de quinhentos campistas, homens, senhoras e crianças, gente jovem de todas as idades; desde os pequerruchos de poucos meses até os *rapazes* de além setenta anos... Aos de Cascais e dos Estoris, juntaram-se os de Oeiras, Lisboa, Rio de Mouro, Almada, Barreiro e de Setúbal. Do Norte, havia representantes do Porto e de Coimbra. Do Algarve, compareceu um *iniciado* de Loulé e o veterano que estas linhas escreve, representando o Núcleo de Olhão.

Estranhei não encontrar representantes de outras colectividades algarvias, mòrmente de Faro e de Vila Real de Santo António, cuja fama de bons campistas, dinâmicos, ultrapassou as fronteiras do País.

Lá para o Norte do Tejo há a impressão de que o Sul, quanto a campismo, tem os seus limites em Lisboa.

Desairoso! Torna-se necessário provar que as barreiras campistas do Sul se localizam no Algarve — em Sotavento e em Barlavento — nesta nossa província fadada pela Natureza para a prática do campismo e do turismo.

O II Acampamento Zonal decorreu em ambiente puramente campista.

Durante três dias, centenas de indivíduos, pertencentes a diversas camadas sociais, acamaradaram, mantendo a compostura, cortês e disciplinada, que se exige no campismo organizado.

Em duas noites, nos Fogos de Campo (em redor da fogueira simbólica) os comparticipantes inscritos divertiram-se, divertindo. Números de canto, música, declamação, *paródias* e anedotas, agradaram pelo desempenho aprimorado e despretencioso. Numa das tardes não faltou a *palestra*. Esteve a cargo de um barreirense. Falou sobre a acção influente do campismo na melhoria do organismo social. Numa outra tarde, realizou-se a reunião dos delegados das quarenta e duas colectividades representadas no acampamento. Troca de impressões. Harmónia. Elevação. Respeito mútuo. Educação.

Assentou-se em realizar, no próximo ano, o III Zonal do Sul.

Pedi que lhe imprimissem a característica de «Campo de férias», com a duração mínima de oito dias.

Creio que os campistas de Vila Real de Santo António, prestariam um belo serviço à nossa causa, ao turismo algarvio e à sua terra, se tomassem a seu cargo a realização do III Zonal do Sul.

Certamente, a vereação municipal, de que fazem parte homens empreendedores e compreensivos, não lhes negaria apoio moral e material, tanto mais que o magnífico Parque Municipal de Campismo e Turismo tem óptimas condições para ser, nessa ocasião, o centro das actividades.

Aqui fica o alvitre.

Que os camaradas de Vila Real de Santo António meditem... e se abalancem a pedir, sem demora, à comissão organizadora dos acampamentos zonais do Sul, a preferência para o privilegiado pinhal de Monte Gordo.

Algures, no campo, 10 de Novembro de 1957.

João Trigueiros

UM SÉCULO DE VIDA

A centenária Venância Maria

S. MARCOS DA SERRA — Completou 100 anos, em 23 do mês passado, a sr.ª Venância Maria, desta localidade. Tem seis filhos, 24 netos e 26 bisnetos.

A simpática anciã viveu sempre do seu trabalho e até há poucos dias, sem cansaço para os seus olhos que nunca precisaram de óculos, fazia baínha aberta de linho caseiro, no que era especialista.

Durante o dia a boa velhinha foi cumprimentada pelos habitantes desta localidade, que juntaram os seus parabéns aos votos de mais longa vida formulados pelos filhos e restante família da sr.ª Venância. E' esta a pessoa mais velha do concelho de Silves. Tendo-se-lhe perguntado se estava satisfeita por ter atingido um século, afirmou o seu contentamento, acrescentando que se encontrava bem disposta.

De manhã, a hora certa, levanta-se, lava-se e trata da lida da casa. Conversa muito bem e dá relação dos factos passados na sua mocidade. Gosta muito de beber o seu copinho de aguardente de medronho, o que, parece, lhe tem ajudado a vencer a longa jornada neste mundo.

Fazemos votos por que a simpática velhinha conte ainda muitos mais anos e que não perca a sua boa disposição. — *A. L.*

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA e de Filatelia Escutista

Conclusão da 1.ª página

Filatélico de Portugal e pelo jornal «Sempre Pronto».

Art.º 2.º — A exposição comportará exclusivamente selos postais, novos ou usados, sobrescritos e carimbos de 1.º dia de circulação, e blocos, tudo respeitante à temática escutista.

Art.º 3.º — Podem inscrever-se, com colecções de sua propriedade, todos os coleccionadores da especialidade, que enviarão ao Grupo organizador o material a expor, preparado para ser colocado no local que lhe corresponda, em quadros de madeira ou cartão, cobertos exteriormente por vidro ou «celofane».

Nos quadros a expor não deve figurar o nome, ou qualquer menção que identifique o expositor, podendo todavia figurar um pseudónimo.

Art.º 4.º — Qualquer que seja o número de quadros apresentados, pagará o expositor a quantia única de Esc. 20$00 de inscrição.

Registando-se falta de espaço para todos os quadros recebidos, serão alguns, por escolha do júri, retirados do local da exposição.

Art.º 5.º — Os quadros a expor devem estar em poder do Grupo organizador até ao dia 27 de Novembro, e viajarão absolutamente de conta e risco dos expositores. Estes, com a quantia da inscrição, farão remessa da verba necessária à devolução do seu material.

Os pedidos de inscrição equivalem à aceitação deste Regulamento.

Art.º 6.º — O Grupo organizador nomeará um júri idóneo, que julgará sem recurso.

Os prémios são os que a seguir se indicam:

1.º — Medalha, e artigos filatélicos oferecidos pela Casa J. Ell,

2.º — Medalha, e artigos filatélicos,

3.º — Medalha.

Todos os expositores receberão sobrescritos com carimbo comemorativo, oferecidos pelo Clube Filatélico de Portugal.

Os casos omissos serão resolvidos pelo Grupo organizador, se disserem respeito à organização, ou pelo júri, se se relacionarem com os quadros expostos.

Electrificação do concelho de Loulé

FOI publicada uma portaria que concede a comparticipação do Estado de 1.525.700$00 à Câmara Municipal de Loulé para a execução dos trabalhos de estabelecimento de uma subestação e de um posto de transformação naquela vila e electrificação dos lugares de Pedreira, Morgado, Ponte de Salir, Salir, Castelo e Vendas Novas, da freguesia de Salir; de Benafim Grande e Alte, da freguesia de Alte; e de Fonte de Boliqueime e Boliqueime, da freguesia de Boliqueime. As obras estão orçadas em 3.212.000$00.

MOLAFLEX

O colchão ideal para bom repouso. Fabricado com 300 molas, sendo um lado em sumaúma e outro em boa pasta de algodão, este para uso no verão.

Tem sempre em depósito, para entrega imediata, o revendedor autorizado

ÁLVARO CORREIA DE CARVALHO

Rua Dr. Paula Nogueira, 29

Telefone 251

OLHÃO

CRISE DE HABITAÇÃO em Olhão

OLHÃO — A afluência de trabalhadores provocada pela abertura de novas fábricas de filetagem e preparação do biqueirão, suscitou o agravamento do problema da habitação. Há centenas de operários inscritos na Câmara Municipal para obterem moradia, quando as haja devolutas no Bairro Marechal Carmona que tem 300 casas cujas rendas oscilam entre 65$00 e 85$00. Nem em duas dezenas de anos os pedidos poderão ser satisfeitos. Dizem-nos que o Grémio dos Industriais de Conservas de Sotavento do Algarve tem disponíveis alguns milhares de contos, que poderiam ser aplicados na construção de novas casas nos terrenos circunjacentes ao Bairro Marechal Carmona. Cremos que a solução do problema habitacional para a classe operária depende, em parte, de um despacho do sr. ministro das Corporações. Aguarda-se que medidas sejam tomadas para remediar tal problema e evitar que famílias operárias, por falta de alojamento, se desloquem para outros centros industriais. — *J. B.*

Pense nos que são MAIS POBRES

Depois de uma doença, sobram quase sempre alguns remédios (comprimidos, injecções, xaropes, etc.). Não os inutilize. Entregue-os ao hospital ou ao posto de socorros da sua terra. Eles ajudarão a aliviar os padecimentos dos mais pobres.

ESPECTÁCULO

TEATRO ALEMÃO

MEIO morta saiu a Alemanha da última grande guerra. A par das centenas de edifícios e monumentos tombados, também caíram em ruínas algumas dezenas de teatros. Os artistas do país de Goethe também sofreram com a guerra e com as inevitáveis consequências. Os que não pereceram sob a metralha, esperaram melhores dias; e o que é notável, numa nação quase esfrangalhada, é que esses artistas puderam erguer-se mais depressa do que talvez julgassem. A nação recompôs-se e, com ela, os teatros apareceram restaurados ou edificados de novo.

Só na Alemanha Ocidental funcionam 175 teatros, sendo 96 municipais ou estaduais. Os restantes são particulares. E em todos eles há um movimento monetário anual deveras entontecedor, isso porque o teatro alemão deve ser um dos mais caros do Mundo. E é caro pela simples razão de o público levar o gosto ao requinte da exigência.

Em Portugal podemos fazer uma ideia dessa grandeza exigente através do cinema germânico e dos seus agrupamentos musicais. E' que, para o alemão, a arte, seja qual for, tem de ter grandeza.

E' claro que o Governo e os Municípios, para manter o bom nível do Teatro, destinam-lhe a reversão de uma parte dos impostos. Quer dizer: em vez de ir buscar dinheiro ao Teatro, vão entregar-lho, tendo por princípio que esse ramo da Arte é uma instituição cultural e talvez o maior — se não o maior — prenúncio ou reflexo da mentalidade da nação.

O actor e o autor alemães, bem como os directores e técnicos, além de usufruírem altas remunerações, são alguém — alguém na consideração e na responsabilidade. Não apresentam «qualquer coisa» ao público, porque o público alemão, ao contrário do nosso, sabe vaiar como deve. Tem mesmo a liberdade da vaia.

Uma coisa, todavia, ensombra essa grandeza: a ausência de bons actores novos, que pudessem ter aparecido depois da última grande guerra. Os que surgiram, segundo sabemos pela notícia internacional das coisas literárias, não vão além da nebulosa das promessas, a muita distância da luminosidade de uma obra definitiva, parecendo que alguma coisa anda a contrariar o génio dramático da velha Alemanha.

Lisboa — **João França**

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Ditosa ilusão de ver
Imagem de linda ausente...
Saudade faz viver perto
Quem vive longe da gente...

Também na cozinha se pode ser artista

Lulas de caldeirada — Abra-se o saco ou manto, dando-lhe um golpe com tesoura ou faca ponteaguda tirando-lhe em seguida a cartilagem e separando as cabeças e tentáculos, que se aproveitam, bem como os mantos.

Lava-se tudo numas poucas de águas, até que desapareçam as películas còradas que cobrem o manto e fiquem os bocados perfeitamente brancos.

Faz-se em seguida um refogado com azeite, cebola e salsa picadas e pimenta, e quando a cebola esteja alourada metem-se os bocados das lulas, acrescentando na mesma ocasião tomates limpos de peles e sementes.

Deixa-se ferver tudo, bem tapado, até que as lulas estejam macias e o molho apurado, e servem-se em prato coberto.

Assim pensavam eles

Há duas espécies de bondade: activa e passiva; a que se limita a lamentar o mal e a que se defronta com o mal para o destruir. — *D. Alberto Bramão*

*

O amor é um som que reclama um eco. — *Júlio Dinis*

*

Não há virtude, rigorosamente falando, sem vitória sobre nós próprios, e nada vale o que nada nos custa. — *X. de Maistre*

O canto «flamenco» e a Espanha

Como há ainda muita gente que tem uma noção errada acerca da Espanha, vamos oferecer-lhe este trecho esclarecedor, que se nos deparou num colega nosso do vizinho país:

«O canto «flamenco», o baile e as corridas de touros são fenómenos culturais de indubitável interesse, que excedem os limites da Andaluzia. Não são, no entanto, de tanta importância que se possam considerar símbolo da Espanha. Espanha é uma coisa demasiado séria para que se possa misturar com fenómenos que têm apenas dois séculos de existência. Por outra parte, o que tem valor quando é autêntico deixa de ser valioso quando se mistifica como atracção de «cabaret» ou deslumbramento de ingénuos».

Afinal os Sputnik I e II são velharias nas regiões espaciais!

Os Sputnik I e II, cuja existência o dr. Varela Cid, professor de uma escola superior portuguesa, negou em entrevistas dadas a dois nossos colegas da tarde, são afinal velharias nas regiões espaciais. Quem o acaba de afirmar no Congresso de Estudos sobre os Espaços Siderais realizado em Francfort é o sábio Henrique Fausto, director do Departamento de Investigações do Observatório Meteorológico daquela cidade alemã. Ouçamo-lo: «Estou persuadido de que o Sputnik não é um corredor solitário no firmamento. É indubitável que no espaço há já satélites artificiais construídos por seres inteligentes que vivem noutros planetas.»

«Podemos supor com fundamento — continuou o investigador alemão — que num trilião de planetas semelhantes à terra existem seres vivos e que num milhão de milhões desses planetas há seres com inteligência.»

O sábio, depois de fazer considerações acerca da possibilidade da vida ter surgido noutros planetas antes de ter aparecido na terra, extraiu esta conclusão:

«O lapso de tempo entre a aparição do homem na terra e o lançamento do satélite russo é sòmente de uns milénios. A aparição precedente de seres com inteligência noutros planetas faz-nos supor que os habitantes dos mesmos alcançaram já a navegação interplanetária. Eu creio que num milhão de milhões de astros há seres que têm também os seus satélites artificiais e conhecem a navegação interplanetária. Podemos estar certos de que nos imensos espaços siderais há seres inteligentes que, em aparelhos por eles construídos, navegam em ar de paz entre os planetas.»

Isto foi dito por um sábio num congresso de sábios; não saiu da boca de um labroste, em tarde de domingo, à porta de uma venda.

E agora não ria!

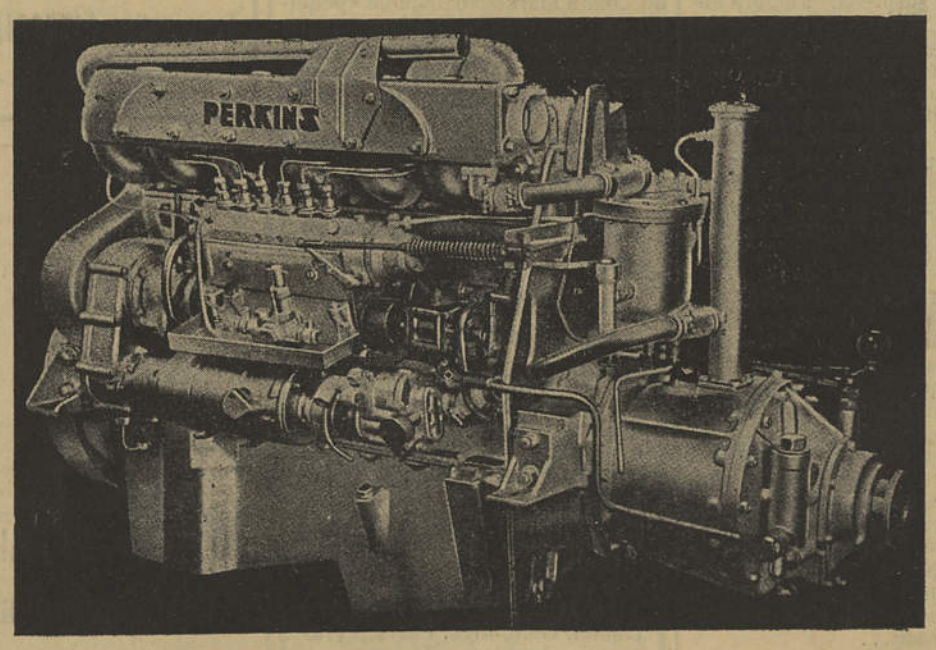
O sábio — Que tal está hoje a carne?

O açougueiro — Suave como o coração de uma mulher...

O sábio — Ah! Então dê-me meio quilo de salsichas...

PERKINS

O MAIS FAMOSO DE TODOS OS MOTORES DIESEL



MOTORES MARÍTIMOS

S6M — 6 cil. — 75/100 BHP | P4M — 4 cil. — 27/43 BHP
P6M — 6 cil. — 44/66 BHP | L4M — 4 cil. — 42/58 BHP

GRANDE STOCK DE PEÇAS LEGÍTIMAS

Para prestar assistência a estes motores consultem os Distribuidores para Portugal

AUTO INDUSTRIAL, L.DA

COIMBRA — LISBOA — PORTO — LEIRIA